



MORTIFICANDO O PECADO



Organizado pelo Instituto Reformado Santo Evangelho – IRSE

MORTIFICANDO O PECADO

Por Plínio Sousa

A santificação é a peculiaridade e virtuosismo da santidade; é o qualitativo da santidade e o avaliatório do modo de viver santamente; quanto mais nos separarmos mais santos nos tornaremos e, mais próximos de Deus estaremos (Hebreus 12:14).

Apoio da Editora Reformada Santo Evangelho – ERSE

2023

Índice

Introdução.	1
A justificação.	1
Lei e Evangelho.	6
A santificação.	13
Uma ameaça e uma promessa.	20
O ato.	21
O objeto.	22
Os agentes.	23
A promessa.	25
A mortificação do pecado.	26
O pecador e Satanás como fomentador e promotor do pecado.	29
O viver “segundo a carne”.	31
A vocação santificante.	33
A zóé de Cristo e a vida do homem.	37
Considerações finais.	43
Estratégias de Satanás para atrair a alma para o pecado [12 estratégias demoníacas e suas soluções]. Medite!	45
Questionário para pesquisa ou discussão (mesa-redonda).	50
Apêndice.	51
Pai nosso.	51
Introdução – “Pai nosso, que estás nos céus”.	52
Primeira petição – “Santificado seja teu Nome”.	52
Segunda petição – “Venha o teu reino”.	54
Terceira petição – “Seja feita tua vontade, assim na terra como no céu”.	56
Quarta petição – “Nosso pão de cada dia dá-nos hoje”.	57
Quinta e sexta petições – “E perdoa nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores e não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do mal”.	58
Exortação à vaidade do homem.	59

MORTIFICANDO O PECADO

“Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”
(Romanos 8:13¹).

Introdução.

O Apóstolo Paulo, tendo falado, anteriormente, a respeito da justificação pela fé obtida pelo Redentor, Jesus Cristo (Romanos 3:24 – 28; 4:25; 5:1, 9, 16 – 18), e mostrado a necessidade da santificação, pela qual de fato nos assemelhamos à santidade de Deus, agora, expõe que a santificação é operada pelo Espírito de Deus, que é a aliança de comunhão entre os santos e Cristo, que os resgata tanto do pecado aqui quanto levanta da sepultura no futuro. Paulo expõe claramente a mudança de nossa situação, em que a palavra da Lei apontou a culpa adâmica, mas a palavra do Evangelho anunciou a misericórdia e o perdão de Deus, por causa de Cristo à nós, isto é a justificação pela fé em Cristo, quando começa todo o processo da salvação do pecador, chamamos este primeiro processo de justificação “forense”².

A justificação.

O Catecismo Maior de Westminster define a justificação desta forma: — **“A fé justificadora é a que salva. É operada pelo Espírito e pela palavra de Deus no coração do pecador que, sendo por eles convencido do seu pecado e miséria e da sua**

¹ “[...] porque se vocês viverem segundo a carne, estão para morrer; mas se pelo Espírito fizerem morrer as práticas do corpo, viverão” (Família 35).

² A palavra “forense” usada em Teologia tem a ver com os assuntos que dizem respeito aos procedimentos do sistema judicial, isto é, os termos legais frequentemente encontrados na Escritura. O assunto da justificação envolve uma matéria legal de grande importância na Bíblia, porque trata do julgamento da situação de uma pessoa em razão dos procedimentos de um substituto, que age em seu lugar.

incapacidade, e das demais criaturas, para o restaurar desse estado, não somente aceita a verdade da promessa do Evangelho, mas recebe e confia em Cristo e na sua justiça, que lhe são oferecidos no Evangelho, para o perdão de pecados e para que a sua pessoa seja aceita e reputada [considerada judicialmente] justa diante de Deus para a salvação³". Nas palavras do ministro presbiteriano, Charles Hodge (1797 – 1878): – **"Os Reformadores pretendiam, em primeiro lugar, negar a doutrina romanista da justificação subjetiva. Isto é, essa justificação consiste em um ato ou agência de Deus tornando o pecador subjetivamente santo. Os romanistas confundem ou unem justificação e santificação. Eles definem a justificação como 'a remissão do pecado e a infusão de novos hábitos de graça'. Por remissão de pecado eles não querem dizer simplesmente perdão, mas a remoção de tudo que tem a natureza de pecado da alma. A justificação, portanto, para eles, é puramente subjetivo⁴, consistindo na destruição do pecado e na infusão da santidade. Em oposição a esta doutrina, os reformadores sustentaram que por justificação as Escrituras querem dizer algo diferente de santificação. Que os dois dons, embora inseparáveis, são distintos, e que a justificação, em vez de ser um ato eficiente que muda o caráter interior do pecador, é um ato declarativo, anunciando e determinando sua relação com a lei e a justiça de Deus⁵". Em segundo lugar, Hodge diz que "os Símbolos da Reforma não menos explicitamente ensinam que justificação não é simplesmente perdão e restauração. Inclui**

³ Pergunta 72 – Hebreus 10:39; 1 Coríntios 12:3, 9; Romanos 10:14, 17; João 16:8, 9; Atos 16:30; Efésios 1:13; Efésios 10:43; Filipenses 3:9; Atos 15:11.

⁴ Session vi., Canon 28; Streitwolf, Libri Symbolici, Göttingen, 1846, Vol. I. p. 37. Sobre este ponto, o Concílio de Trento diz: – "Si quis dixerit, amissa per peccatum gratia, simul et fidem semper amitti, aut fidem, quæ remanet, non esse veram fidem, licet non sit viva; aut eum, qui fidem sine caritate habet, non esse Christianum; anathema sit".

⁵ Charles Hodge, Systematic Theology, Volume III, Chapter XVII – Justification, § 2. Justification is a Forensic Act, tradução feita pelo autor – <https://ccel.org/ccel/hodge/theology3/theology3.iii.iii.ii.html> – Acessado em julho de 2023.

o perdão, mas também inclui uma declaração de que o crente é justo ou justo perante a Lei. Ele tem o direito de pleitear uma justiça que satisfaça completamente suas exigências⁶. E, Hodge conclui, em terceiro lugar, afirmativamente, dizendo que **“aqueles Símbolos ensinam que a justificação é um ato judicial ou forense, isto é, um ato de Deus como juiz procedendo segundo a Lei, declarando que o pecador é justo, ou seja, que a Lei não mais o condena, mas o absolve e o declara ter direito à vida eterna⁷”**.

Desse modo, a justificação “forense”, descreve a situação paradoxal e irreconciliável do pecador na justificação, ou seja, **“em sentido de justificação ‘forense’ (judicial), descrevemos a situação da pessoa justificada da perspectiva de Deus; os seres humanos são ao mesmo tempo totalmente pecadores, naturalmente, e totalmente justos, espiritualmente, ‘em Cristo’**”. Cristo exprime a ordem de que pela aquiescência e fé ao Evangelho (Marcos 1:15), **“o ser humano pode ser totalmente justo somente pelo ato de crer, ou de que o ser humano pela negação do Evangelho e incredulidade acerca da Pessoa de Cristo, será totalmente pecador fora da fé que o próprio Evangelho apregoa e alienado de Deus para sempre (totus justus/totus peccator)⁸”**. A imagem aqui é a da pessoa como ré num tribunal, totalmente culpada, em que será absolvida ou condenada. A Lei de Deus aponta a culpa, mas a

⁶ Charles Hodge, Systematic Theology, Volume III, Chapter XVII – Justification, § 2. Justification is a Forensic Act, tradução feita pelo autor – <https://ccel.org/ccel/hodge/theology3/theology3.iii.iii.ii.html> – Acessado em julho de 2023.

⁷ Charles Hodge, Systematic Theology, Volume III, Chapter XVII – Justification, § 2. Justification is a Forensic Act, tradução feita pelo autor – <https://ccel.org/ccel/hodge/theology3/theology3.iii.iii.ii.html> – Acessado em julho de 2023.

⁸ Confissão de Fé de Westminster (XI.I): – “Os que Deus chama eficazmente, também livremente justifica. Esta justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Jesus Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nEle pela fé, que não têm de si mesmos, mas que é dom de Deus” (Romanos 8:30; 3:24, 27, 28; 2 Coríntios 5:19, 21; Tito 3:5 – 7; Efésios 1:7; Jeremias 23:6; João 1:12; 6:44, 45; Atos 10:43, 44; Filipenses 1:20; Efésios 2:8).

boa notícia do Evangelho anuncia a misericórdia e o perdão de Deus, por causa do que Cristo fez – uma espécie de **“dupla imputação”**, o pecado humano é imputado à Cristo (1 Pedro 2:24; 3:18; 2 Coríntios 5:21), que não tem pecado (nem poderia ter), e a justiça de Cristo é imputada ao ser humano, que não tem justiça (Romanos 4:6 – 11).

O Evangelho, não a Lei, exige boas obras daqueles que foram justificados somente pela fé sem as obras da Lei; o Evangelho exige apenas a fé em Cristo como condição para a justificação; no entanto, no assunto e doutrina da santificação, o Evangelho exige os frutos da fé, isto é, **“o homem é justificado somente pela fé ‘em Cristo’, mas ‘em e por Cristo’, são as contínuas boas obras de santificação que esse homem produz, que justificam a sua fé”**. O homem pecador é tão-somente justificado pela fé, tendo paz com Deus (Romanos 5:1), mas são as boas obras que justificam a fé desse homem agora em paz e justificado (Tiago 2:26; Efésios 2:10).

Hodge escreveu que: – **“A justiça pela qual somos justificados, não é algo feito por nós nem nada que tenhamos forjado em nós mesmos, mas algo feito por nós e a nós imputado. E a obra de Cristo, o que Ele fez e sofreu para satisfazer as demandas da Lei [...] não é nada que tenhamos criado ou forjado em nós ou algo inerente em nós. Por isso dizemos que Cristo é nossa justiça; que somos justificados por seu sangue, sua morte, sua obediência; somos justos nEle e somos justificados por Ele, ou em seu Nome. A justiça de Deus, revelada no Evangelho e pela qual somos constituídos justos é, portanto, a justiça perfeita de Cristo, a qual cumpre completamente todos os requisitos da Lei a que os homens estão obrigados e que todos os homens têm quebrado”**. A justificação é definida no Catecismo de Westminster: – **“Um ato da livre graça de Deus, no qual Ele**

perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos seus olhos, apenas pela justiça de Cristo imputada a nós e recebida somente pela fé”.

Há um outro modo, que é o sanativo (reparativo e preventivo), de vermos a fé sendo colocada em Cristo, descrevendo a situação paradoxal, mas reconciliável da pessoa justificada em sua vida a partir da fé nEle. No entanto, também seria possível argumentar que os seres humanos são parcialmente pecadores e parcialmente justos, **“o ser humano é parcialmente justo, porque ainda há o pecado habitando à sua ‘carne’ não propiciando à ele a mínima realização, quer interiormente, quer exteriormente, de obras plenamente justas, mas ainda, também em parte, pecador, porque mesmo sendo ainda caído, não corrobora mais com a prática do pecado, quer interiormente, quer exteriormente, por ter sido ele modificado no seu interior por obra do Espírito de Deus, tendo a mente de Cristo (partim/partim)”**. A imagem aqui é a da pessoa como paciente em um leito ambulatório, em que há avanços e retrocessos ao mesmo tempo até a cura final de determinada enfermidade. A Lei de Deus revela a existência de sintomas graves da enfermidade mortal, mas o Evangelho garante que o fulcro da doença já foi vencido, resta apenas lutar contra e esperar o pouco que resta de pecado numa luta (e conflito) diária sob a graça e misericórdia de Deus; o pecador é nas palavras de Lutero **“simul justus et peccator”⁹**.

Confessamos que o ser humano é justificado na fé no Evangelho **“independentemente de obras da Lei”** (Romanos

⁹“Simul justus et peccator” significa que um cristão é “simultaneamente justo e pecador”. Os seres humanos são justificados somente pela graça mediante o dom da fé, mas ao mesmo tempo permanecerão pecadores, mesmo após a regeneração e a administração do sacramento do batismo. Martinho Lutero empregou a fórmula agostiniana “simul justus et peccator”.

3:28). Cristo cumpriu a Lei e, por sua morte e ressurreição, a superou como caminho para a salvação.

Confessamos ao mesmo tempo que os mandamentos de Deus permanecem em vigor para a pessoa justificada e que Cristo, em sua palavra e sua vida, expressa a vontade de Deus, que constitui padrão de conduta também para a pessoa justificada.

Lei e Evangelho.

Os Reformadores sustentaram que a distinção e a correta correlação de Lei e Evangelho são essenciais para a compreensão da justificação. O teólogo francês, Teodoro de Beza (1519 – 1605), afirmou que a ignorância da distinção entre Lei e Evangelho **“é uma das principais fontes dos abusos que corromperam e ainda corrompem o Cristianismo¹⁰”**. Beza também assinala aquilo em que estão de acordo, a Lei e o Evangelho têm isto em comum: – **“Ambos procedem do único e verdadeiro Deus, o qual é imutável (Hebreus 1:1, 2), de modo que não podemos pensar que um leve à abolição do outro no que diz respeito à essência, mas, pelo contrário, um confirma a essência do outro (Romanos 10:2 – 4)”**.

A Lei, em seu uso teológico, é exigência e acusação às quais está sujeita durante a vida inteira toda pessoa, também a pessoa justificada, na medida em que é pecadora; e a Lei põe a descoberto seu pecado para que na fé no Evangelho, ela se volte inteiramente para a misericórdia de Deus “em Cristo”, a qual unicamente a justifica. **“Na era da Lei, havia Evangelho; na era do Evangelho, há Lei. Na justificação a Lei e o**

¹⁰ “The Christian faith (1558)”, in: Reformed confessions of the 16th and 17th centuries in English translation: volume 2:1552 – 1556, compilação de James T. Dennison Jr. (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2010), p. 273 – 274. Epígrafe extraída da obra “Teologia Puritana – Doutrina Para a Vida de autoria do Joel R. Beeke e Mark Jones e publicada pela Editora Vida Nova em 2016, capítulo 20, p. 469 – 470.

Evangelho estão em oposição, mas na santificação são parceiros". Em resumo, o homem que foi justificado "em Cristo" é, portanto, **"o produto da combinação entre Lei e Evangelho"**.

Mesmo estando presente na "Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação¹¹" (Luteranismo e Catolicismo Romano), essa doutrina sofre ataque pela má e deficiente Teologia Católica Romana, que sustenta o ensinamento herético de que por meio do batismo acontece a purificação do Pecado Original, a depravação do homem se esvai pelo sacramento. Veja o que diz o Catecismo da ICR: – **"§1279 – O fruto do batismo ou graça batismal é uma realidade rica que comporta: – a remissão do pecado original e de todos os pecados pessoais; o nascimento para a vida nova, pelo qual o homem se torna filho adotivo do Pai, membro de Cristo, templo do Espírito Santo. Com isso mesmo, o batizado, é incorporado à Igreja, corpo de Cristo, e se torna participante do sacerdócio de Cristo"**. Segundo a concepção católica, a graça de Jesus Cristo concedida no batismo apaga tudo o que é "realmente" pecado, o que é "digno de condenação", mas que permanece na pessoa uma inclinação ("concupiscência") proveniente do pecado original e tendente ao pecado. Por essa razão, os papistas **"tornam impossível considerar a oposição entre Lei e Evangelho, pelo menos não em qualquer sentido estrito"**. Melhor dizendo, **"a 'concupiscência' permanece como uma inclinação para o pecado, que não é pecado a menos que seja realizada¹²"**. A justificação e a santificação, por uma implicação rigorosamente lógica, são automaticamente anuladas pela concepção romana. Contudo, Martinho Lutero, João Calvino e os Reformadores, seguindo

¹¹ Item 4.5 – Lei e Evangelho.

¹² Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, 4.4 – A pessoa justificada como pecadora (30).

Agostinho, que definia¹³ concupiscência com base na célebre tripartição de João (1 João 2:16), combateram e insistiram que o que era chamado de “concupiscência”, pelo Romanismo, era na verdade pecado. Embora não negando a realidade e validade sacramental do batismo cristão, os Reformadores sustentaram que **“a inclinação para o pecado é verdadeiramente pecado”¹⁴**.

Como escreveu o Reformador francês, João Calvino (1509 – 1564): – **“Já ficou evidente quão falso é o que outrora alguns ensinaram, o que em outros ainda persiste: – que pelo**

¹³ BERMON, 2008, p. 207 – 208. A tripartição de João classifica as concupiscências em: – [1] – concupiscência da carne (as paixões da carne); [2] – concupiscência dos olhos (cobiça dos olhos); e [3] – orgulho (ostentação dos bens ou soberba da vida). Por sua vez, podemos dividir as concupiscências em “concupiscência da alma” (concupiscência da carne) e “concupiscência do espírito” (concupiscência dos olhos e orgulho).

¹⁴ “Esta corrupção da natureza persiste, durante esta vida, naqueles que são regenerados; e, embora seja ela perdoada e mortificada por Jesus Cristo, todavia, tanto ela, como os seus impulsos, são reais e propriamente pecado” (Confissão de Fé de Westminster, VI.V). “Cremos que, pela desobediência de Adão, o pecado original se estendeu por todo o gênero humano (Romanos 5:12 – 14, 19). Este pecado é uma depravação de toda a natureza humana (Romanos 3:10) e um mal hereditário, com que até as crianças no ventre de suas mães estão contaminadas (Jó 14:4; Salmos 51:5; João 3:6). É a raiz que produz no homem todo tipo de pecado, por isso, é tão repugnante e abominável diante de Deus que é suficiente para condenar o gênero humano (Efésios 2:3). Nem pelo batismo o pecado original é totalmente anulado ou destruído, porque o pecado sempre jorra desta depravação como água corrente de uma fonte contaminada (Romanos 7:18, 19). O pecado original, porém, não é atribuído aos filhos de Deus para condená-los, mas é perdoado pela graça e misericórdia de Deus (Efésios 2:4, 5). Isto não quer dizer que eles podem continuar descuidadamente numa vida pecaminosa. Pelo contrário, os fiéis, conscientes desta depravação, devem aspirar a livrar-se do corpo dominado pela morte (Romanos 7:24). Neste ponto rejeitamos o erro do pelagianismo, que diz que o pecado é somente uma questão de imitação” (Confissão Belga, Artigo 15). “Reconhecemos, portanto, que há pecado original em todos os homens. Reconhecemos que todos os outros pecados que deste provêm são chamados, e verdadeiramente são, pecados, qualquer que seja o nome que lhes seja dado – pecados mortais, veniais ou mesmo aquele que é chamado pecado contra o Espírito Santo, que nunca é perdoado (Marcos 3:29; 1 João 5:16). Confessamos também que os pecados não são iguais: – embora surjam da mesma fonte de corrupção e incredulidade, alguns são mais graves que os outros. Como disse o Senhor, haverá mais tolerância para Sodoma do que para a cidade que rejeita a palavra do Evangelho – Mateus 10:14 e seguintes; 11:20 e seguintes” (Segunda Confissão Helvética, VIII). “Ensina-se, outrossim, entre nós que depois da queda de Adão todos os homens naturalmente nascidos são concebidos e nascidos em pecado, isto é, que desde o ventre materno todos estão plenos de concupiscência e inclinação más, e por natureza não podem ter verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus. Também, que essa inata pestilência e pecado hereditário verdadeiramente é pecado e condena à eterna ira de Deus a quantos não renascem pelo batismo e pelo Espírito Santo. Condenam-se, além disso, os pelagianos e outros que não consideram pecado ao hereditário, com o que tornam a natureza justa por virtudes naturais, para ignomínia da paixão e do mérito de Cristo” (Apologia da Confissão de Augsburg, 2.38 – 41).

batismo somos livrados e eximidos do pecado original e da corrupção que de Adão foi propagada a toda a posteridade, e restituídos à mesma retidão e pureza de natureza que Adão teria obtido, se houvesse permanecido naquela integridade em que fora primeiro criado. Pois tal gênero de doutores nunca entendeu o que seja o pecado original; o que seja a retidão original; o que seja a graça do batismo. Antes, porém, já se discutiu que o pecado original é a depravação e corrupção de nossa natureza, a qual, antes de tudo, nos faz culpáveis à ira de Deus, então também em nós enseja as obras que a Escritura chama 'obras da carne' (Gálatas 5:19)¹⁵". Calvino diz mais: – **"A outra coisa é que esta depravação nunca cessa em nós; pelo contrário, gera continuamente novos frutos, a saber, essas 'obras da carne' que já descrevemos previamente¹⁶, exatamente como uma fornalha acesa expele continuamente chama e faíscas, ou uma fonte que mana água sem fim. Ora, a 'concupiscência' nunca se finda e se extingue inteiramente nos homens, até que, pela morte liberados do corpo da morte, se despojem completamente de si mesmos. O batismo, na verdade, nos promete ter sido afogado nosso faraó (Êxodo 14:27, 28) e a mortificação de nosso pecado; entretanto, não a um tal grau que não mais exista, ou que não nos cause dificuldade, mas somente que não mais nos sobrepuje. Porque, por todo o tempo que passarmos enclausurados neste cárcere de nosso corpo, em nós residirão remanescentes do pecado; mas, se em fé mantivermos a promessa a nós dada por Deus no batismo, sobre nós não dominarão, nem reinarão¹⁷".**

¹⁵ Tratado da Religião Cristã, Livro IV, Capítulo XV, Tópico X, Edição clássica [latim], p. 299 – 300.

¹⁶ Tópico X – "O batismo não nos lava do Pecado Original e da corrupção daí resultante, nem nos restaura ao estado de pureza e retidão anteriores à queda, sendo apenas símbolo da justificação, da remissão e da restauração operadas por Cristo" (Tratado da Religião Cristã, Livro IV, Capítulo XV, Edição clássica [latim], p. 299 – 300).

¹⁷ Tratado da Religião Cristã, Livro IV, Capítulo XV, Tópico XI, Edição clássica [latim], p. 300.

Agostinho definiu que a concupiscência da carne consiste **“no deleite de todos os sentidos e prazeres, nos quais aqueles que se tornam seus escravos, por terem se afastado de Ti [Deus], desgastam-se e perecem¹⁸”**. Diz mais ele sobre a “concupiscência” em seu “hino de louvor¹⁹”: — **“Além da concupiscência da carne, a alma possui, por meio dos mesmos sentidos do corpo, um vão e curioso desejo, velado sob o pretexto do conhecimento e da ciência, não de deleitar-se na carne, mas de fazer experimentos com ela. Por ser gerada do apetite por conhecimento e se utilizar da visão como instrumento de aquisição da ciência, é chamada, na linguagem Divina, de concupiscência dos olhos. Porquanto o ato de ‘ver’ pertence aos olhos, embora apliquemos a palavra a outros sentidos também, relacionados ao conhecimento²⁰”**.

O distúrbio da “concupiscência” faz com que Agostinho experimente o fracasso da sua relação com Deus. Ele vive nas suas paixões desordenadas e, conseqüentemente, afasta-se de Deus²¹. No entanto, este afastamento não é total, uma vez que permanece o vínculo ontológico.

Ora, o erro tem duas conseqüências: — **“primeiramente, faz Agostinho esquecer-se de Deus, que é o único e verdadeiro objeto da vontade; em segundo lugar, torna-se um ser preso às coisas: — ‘Fui, portanto, rejeitado por Ti e Tu resististe a minha vã dureza. Imaginei formas corpóreas, e por ser carne, acusei a carne, e por ser vento passageiro, não retornei a Ti, mas vaguei e vaguei por coisas que não existiam, nem em Ti, nem em mim, nem no copo²²”**.

¹⁸ Agostinho. Confissões, Livro X, Capítulo XXXV, Editora Principis, São Paulo, 2010, p. 205.

¹⁹ Agostinho diz que a palavra “Confissões”, mais que confessar pecados, significa adorar a Deus. É, portanto, um hino de louvor.

²⁰ Agostinho. Confissões, Livro X, Capítulo XXXV, Editora Principis, São Paulo, 2010, p. 205.

²¹ Agostinho. Confissões, Livro I, Capítulo XVIII, Editora Principis, São Paulo, 2010, p. 29.

²² Agostinho. Confissões, Livro IV, Capítulo XV, Editora Principis, São Paulo, 2010, p. 70.

Mas a justificação pela fé produz o fruto da separação para àqueles que como Agostinho, foram adotados por Deus, “em Cristo”, a mudança radical de estado ocorreu no interior de todos que creem em Cristo – **“de totalmente alienados e condenados pela carne para totalmente reconciliados e santificados pelo Espírito”** (Romanos 5:1, 10, 11; 1 Coríntios 2:16; 2 Coríntios 5:18 – 20; Colossenses 1:21 – 23). Ora, as pessoas são justificadas em sua vida a partir da fé em Cristo, elas também necessitam ser santificadas (Efésios 1:4), para esse propósito foram predestinadas, **“para viverem em boas obras, as quais Deus preparou no passado para que todos as praticassem hoje”** (Efésios 2:10), todos **“considerando-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus”** (Romanos 6:11); é a consequência necessária da regeneração, uma vez que somos eleitos para santificação, como colocado acima, é a obra purificadora do Espírito Santo no andar diário do crente; a santificação – ou como já mencionado de “processo sanativo” –, é **“recebida real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, que neles habita; o domínio do corpo do pecado é neles todo destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus”²³**.

De acordo com o Catecismo Maior de Westminster: – **“Santificação é a obra da graça de Deus, pela qual os que Deus escolheu, antes da fundação do mundo, para serem santos, são nesta vida, pela poderosa operação do seu Espírito, aplicando a morte e a ressurreição de Cristo, renovados no homem interior, segundo a imagem de Deus,**

²³ Confissão de Fé de Westminster, XIII.1 – 1 Coríntios 1:30; Atos 20:32; Filipenses 3:10; Romanos 6:5, 6; João 17:17, 19; Efésios 5:26; 2 Tessalonicenses 2:13; Romanos 6:6, 14; Gálatas 5:24; Colossenses 1:10, 11; Efésios 3:16 – 19; 2 Coríntios 7:1; Colossenses 1:28; 4:12; Hebreus 12:14.

tendo os germes do arrependimento que conduz à vida e de todas as outras graças salvadoras implantadas em seus corações, e tendo essas graças de tal forma excitadas, aumentadas e fortalecidas, que eles morrem, cada vez mais para o pecado e ressuscitam para novidade de vida²⁴”.

Segundo o teólogo sistemático reformado, Louis Berkhof (1873 - 1957): – **“Alguns têm a noção errônea de que a santificação consiste apenas em extrair a vida nova, implantada na alma pela regeneração, de forma persuasiva apresentando motivos à vontade, mas isso não é verdade. Consiste fundamental e principalmente em uma operação divina na alma, pela qual a santa disposição nascida na regeneração é fortalecida e seus santos exercícios são aumentados. É essencialmente uma obra de Deus, embora na medida em que Ele emprega meios, o homem pode e deve cooperar pelo uso adequado desses meios. As Escrituras exibem claramente o caráter sobrenatural da santificação de várias maneiras. Descreve-o como uma obra de Deus (1 Tessalonicenses 5:23; Hebreus 13:20, 21), como fruto da união da vida com Jesus Cristo (João 15:4; Gálatas 2:20; 4:19), como uma obra que é operada no homem por dentro e que, por essa mesma razão, não pode ser uma obra do homem (Efésios 3:16; Colossenses 1:11), e fala de sua manifestação nas virtudes cristãs como obra do Espírito (Gálatas 5:22). Nunca deve ser representado como um processo meramente natural no desenvolvimento espiritual do homem, nem rebaixado ao nível de uma mera realização humana, como é feito em grande parte da moderna Teologia Liberal”**.

²⁴ Pergunta 75 – Efésios 1:4; 1 Coríntios 6:11; 1 Tessalonicenses 2:13; Romanos 6:4 - 6; Filipenses 3:10; Efésios 4:23, 24; Atos 11:18; 1 João 3:9; Judas 20; Efésios 3:16 - 19; Colossenses 1:10, 11; Romanos 6:4 - 6.

A santificação.

Berkhof expõe²⁵ as duas partes da santificação que são representadas nas Escrituras como:

[1] – “A mortificação do velho homem (o corpo do pecado)”.

Este termo bíblico denota aquele ato de Deus pelo qual a impureza e a corrupção da natureza humana, resultantes do pecado, são gradualmente removidas. É muitas vezes representado na Bíblia como a crucificação do velho homem, e está assim ligado à morte de Cristo na cruz. O velho homem é a natureza humana na medida em que ela é controlada pelo pecado (Romanos 6:6; Gálatas 5:24). No contexto da passagem de Gálatas, Paulo contrasta as obras da carne e o Fruto do Espírito, e depois diz: – **“E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências”**. Isto significa que, no caso desses homens, o Espírito ganhou predominância.

[2] – “A vivificação do novo homem, criado em Cristo Jesus para as boas obras”.

Enquanto a primeira parte da santificação é de caráter negativo, esta parte é positiva. É o ato de Deus pelo qual a disposição santa da alma é fortalecida, os exercícios santos são aumentados, e assim um novo curso de vida é gerado e promovido. A velha estrutura do pecado é gradualmente derrubada, e uma nova estrutura de Deus é erguida em seu lugar. Estas duas partes da santificação não são sucessivas, mas concomitantes.

Graças a Deus, a construção gradual do novo edifício não precisa esperar até que o antigo seja completamente demolido. Se tivesse de esperar por isso, nunca poderíamos começar nesta vida. Com a dissolução gradual do velho, o novo

²⁵ “Sanctification by Louis Berkhof”, tradução feita pelo autor – <https://www.monergism.com/sanctification-1> – Acessado em julho de 2023.

aparece. É como o arejamento de uma casa cheia de odores pestilentos. À medida que o ar velho é retirado, o novo entra. Esse lado positivo da santificação é frequentemente chamado de **“ser ressuscitado juntamente com Cristo”** (Romanos 6:4, 5; Colossenses 2:12; 3:1, 2). A nova vida à qual ela conduz é chamada de **“uma vida para Deus”** (Romanos 6:11; Gálatas 2:19). A santificação é o processo redentivo ininterrupto que prova a salvação atuante no homem regenerado, para não terminar até que esse homem veja Cristo face a face e seja semelhante a Ele (Filipenses 1:6; 2:12, 13).

Como escreveu o puritano e ministro inglês, Joseph Alleine (1634 – 1668): – **“A quem Deus predestinou, a esses, e somente esses, também chamou (Romanos 8:30). Ninguém é atraído a Cristo por seu chamado, nem vem a Ele pela fé – mas suas ovelhas, aquelas a quem o Pai lhe deu (João 6:37, 44). O chamado eficaz ocorre em paralelo com a eleição eterna (2 Pedro 1:10). Você começa do lado errado se primeiro contestar sua eleição. Prove sua conversão e, então, nunca duvide de sua eleição. Se você ainda não pode prová-la, comece com uma reviravolta presente e completa. Quaisquer que sejam os propósitos de Deus, que são secretos, estou certo de que suas promessas são claras. Como os rebeldes discutem desesperadamente! – ‘Se eu for eleito, então serei salvo, faço o que eu quiser. Se eu não for eleito, então estarei condenado (amaldiçoado), faço o que eu puder’. Pecador perverso, você começará onde deveria terminar? A palavra não está diante de você? O que isso diz? – ‘Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados. Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo’ (Atos 3:19; Romanos 8:13; Atos 16:31)²⁶”**.

²⁶ Joseph Alleine. Alerta Para o Não Convertido – Um Guia Seguro Para o Céu, 1ª ed., Goiás, Editora Reformada Santo Evangelho, 2021, p. 28 – 29.

Contudo, mesmo sendo enfatizado a operação e responsabilidade do pecador em todo processo de santificação, a santificação é um mistério.

Como escreveu o teólogo holandês, Abraham Kuyper (1837 – 1920) em sua obra pneumatológica: – **“A santificação pertence aos mistérios da fé; portanto não pode ser confessada a não ser como dogma. Com esta declaração nossa intenção é eliminar de vez qualquer representação que faça a ‘santificação’ consistir do esforço humano de fazer com que alguém se torne santo ou mais santo. Tornar-se mais santo é indubitavelmente tarefa de cada ser humano. Deus condenou toda falta de santidade, como algo amaldiçoado. Santidade inferior não pode existir perante Ele. Cada ser humano mais ou menos santo deve abandonar toda falta de santidade, deve renunciar a toda santidade inferior, e permitir que a perfeita santidade habite nele e nele se manifeste instantaneamente. O mandamento ‘Sede santos porque Eu Sou Santo’ (Levítico 11:44, 45; 19:2), não pode ser diminuído. O enfraquecimento da moral corrente exige que o direito absoluto de Deus para demandar santidade absoluta de cada ser humano seja incessantemente apresentado à consciência, ligado ao coração como um memorial, e proclamado a todos com firmeza²⁷”**. O puritano e ministro Thomas Brooks (1608 – 1680), escreveu algo parecido a respeito do esforço do ser humano e de sua consciência enganada acerca da sua autossuficiência: – **“O primeiro remédio é considerar seriamente que o arrependimento é uma obra poderosa, uma obra difícil, uma obra que está acima do nosso poder. Não há poder mais forte do que aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos, e que fez o mundo – um poder que pode quebrar o coração de um pecador, ou transformar o coração de um pecador! É tão**

²⁷ Abraham Kuyper. A Obra do Espírito Santo, tradução feita por Felipe Sabino de Araújo Neto, Mato Grosso, 2003, p. 505 – 506.

fácil para Deus derreter uma pedra adamantina²⁸, como derreter o coração do homem pecador; transformar uma pedra em carne como converter o coração do pecador ao Senhor; Ele tem poder de ressuscitar os mortos como de transformar o mundo, da mesma forma de conceder o arrependimento verdadeiro de que o homem pecador tanto necessita. O arrependimento é uma flor que não cresce no jardim da natureza! 'Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal' (Jeremias 13:23). O arrependimento é um dom que vem do alto. Os homens não nascem com o arrependimento no coração, como nascem com a língua na boca. 'Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados' (Atos 5:31); aos que se lhe opõem, deve instruí-los com mansidão, a ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade' (2 Timóteo 2:25, 26). Não está no poder de nenhum mortal arrepender-se a seu bel-prazer. Algumas almas ignorantes e iludidas pensam, em vão, que estas cinco palavras, 'Senhor, tem piedade de mim', são eficazes para mandá-las para o céu; mas assim como muitos são enganados por ter comprado uma bijuteria (uma jóia falsa), muitos estão no inferno devido ao engano de seu falso arrependimento. Muitos confiam no seu arrependimento, o que nos leva a dizer: – 'O arrependimento condena mais do que o pecado!'. Foi uma vanglória do rei Ciro, que fez com que fosse escrito em sua lápide: – 'Eu posso todas as coisas!'

²⁸ A palavra "adamantina" é um adjetivo feminino singular de adamantino, que foi substantivado como nome próprio e provém do grego antigo "ἀδαμάντινος" (adamántinos), de "ἀδάμας" (adámās, "diamante"; "aço") + "-ίνος" (-inos, um sufixo formador de adjetivos), através do latim "adamantinus" que quer dizer, em relação às coisas, que tem as qualidades de "inquebrável", "inflexível", "indissolúvel", "impenetrável"; e, em relação às pessoas, que em sua ética foram lapidadas como diamantes e tem as elevadas qualidades morais de "incorruptibilidade", "determinação", "intrepidez", "resiliência" e "altivez de caráter".

Paulo também podia, mas era 'por meio de Cristo, que o fortalecia' (Filipenses 4:13)²⁹".

A obra de santificação, assim como a obra de arrependimento, é uma graça magnífica da parte de Deus. Devemos reconhecer seus grandes valores e desenvolvê-los, porém, sem pensar neles como garantidos. O Apóstolo Paulo afirma, portanto, que **"não somos devedores à 'carne'"** (Romanos 8:12), para que a sigamos em suas sugestões e impulsos, juntamente com estímulos do diabo ao tentá-la, já que não possui em si força, pois é fraca (Mateus 26:41), devemos lutar pelo Espírito; não a sigamos como devedores às suas exigências, porque Cristo redimiu (resgatou) o pecador das garras do pecado através do que realizou por intermédio de sua vida, morte e ressurreição e, atualmente, depois da sua ascensão, operante como perfeito e único **"Mediador entre Deus e os homens"** (1 Timóteo 2:5), sendo verdadeiro mediador entre pecadores mortais e o Justo Imortal, porque essa aliança é eterna, pois Cristo **"vive sempre para interceder por nós"** (Hebreus 7:25). Cristo é perfeito mediador estando próximo do homem pecador mediante a fragilidade da natureza humana e de Deus mediante as perfeições da divindade, visto que Ele possui tanto a natureza que o ofendera (a humana) quanto a natureza que fora ofendida (a divina), por essa razão cristológica, cremos na perfeita mediação de Jesus Cristo. Uma natureza para agradar a Deus e uma natureza para compadecer-se do homem pecador. Segundo Paulo, sigamos, sim, o Espírito de Cristo, para observarmos seus favores, virtudes e iluminações. Paulo, no texto, fundamenta exortações pontuais acerca dessa doutrina com uma ameaça e uma promessa: — **"uma ameaça, certamente, para estimular nossa diligência, e uma promessa, indubitavelmente, para evitar nosso desânimo"**.

²⁹ Thomas Brooks, "Precious Remedies Against Satan's Devices", p. 33 — <https://www.preachtheword.com/bookstore/remedies.pdf> — Acessado em julho de 2023.

Como exortou o puritano e ministro presbiteriano, Stephen Charnock (1628 – 1680): – **“Não deveis imaginar que sereis justificados sem serdes santificados; pois se viverdes segundo a carne, caireis sob a morte eterna que é devida ao pecado; mas se seguirdes as inspirações do Espírito, e vos esforçardes por apagar as primeiras centelhas do pecado, a morte dos vossos corpos será a entrada para a vida feliz da vossa alma³⁰”**.

O ministro presbiteriano, Robert Murray M’Cheyne (1813 – 1843), também advertiu a Igreja: – **“Não somos justificados pela nossa santificação; e, no entanto, sem santificação, não podemos ter paz ou comunhão permanentes [com Deus]. Somos justificados inteiramente pela ação e morte do Senhor Jesus; e ainda, quando justificados, Ele nos transformará em sua imagem; de modo que à medida que somos justificados, devemos ser mais santificados. Estudem a santidade, se quiserem ter paz agora, e serem encontrados por Cristo em paz. Os crentes mais santos são sempre os mais felizes³¹”**. Segundo Charnock: – **“Alguns entendem por ‘carne’ o estado sob a Lei; outros, mais propriamente, a natureza corrompida”**. Ele afirma que quando Paulo diz que o “viver segundo a carne, é morte”, o Apóstolo traz a idéia de que o pecador morrerá **“sem esperança de uma vida melhor³²”**, Charnock está correto ao afirmar no sermão “Um Discurso Sobre a Mortificação” esse entendimento, visto que o verbo grego “ἀποθνῆσκω³³”,

³⁰ Stephen Charnock. “A Discourse of Mortification, Romans VIII”, p. 214, tradução feita pelo autor – <https://bit.ly/3088413> – Acessado em julho de 2023.

³¹ “The Sermons of the Rev. Robert Murray M’Cheyne”, Sermon LXXIX, tradução feita pelo autor, 1854, p. 462. Texto original – <https://bit.ly/3XWSmZU> – Acessado em julho de 2023.

³² Stephen Charnock. “A Discourse of Mortification, Romans VIII”, p. 214, tradução feita pelo autor – <https://bit.ly/3088413> – Acessado em julho de 2023.

³³ Segundo o Dicionário Strong (599), “apothnēskō” se constitui pela junção de dois vocábulos gregos: – “apó” (575), “longe de”, que intensifica “thnēskō” (2348), “morrer”, significando “Estou morrendo”; “estou prestes a morrer”; “murchar”, “decair”. Contudo, defino mais apropriadamente, levando não apenas a construção do verbo grego, mas o teor exegeticamente explícito do texto e do contexto, especificamente, de Romanos 8, como sendo “um homem ímpio morrendo fisicamente

exprime precisamente esse conceito sobre qual tipo de morte o pecador sem Deus experimenta. Exegeticamente podemos definir da seguinte forma qual tipo de morte o não-regenerado sofrerá:

1 – De morrer eternamente, como é designado, isto é, estar sujeito à miséria eterna, e isso, também, já começando, aqui nesta terra, sobre a carne (Romanos 8:13; João 6:50; João 11:26).

2 – De morrer moralmente, em dois sentidos: – [A] – Da privação da vida real, isto é, especialmente do poder de fazer o que é certo, da confiança em Deus e da esperança da bem-aventurança futura (Romanos 7:10); participando do entorpecimento espiritual daqueles que caíram da comunhão de Cristo, a fonte da verdadeira vida (Apocalipse 3:2). [B] – Tornar-se totalmente alienado de uma coisa, uma disposição diametralmente contrária daqueles que foram regenerados, que são chamados simplesmente de **“mortos para as coisas que são da terra”** (ἀποθανεῖν), como tendo despojado de toda a suscetibilidade (propensão) às coisas mundanas que os afastam de Deus, **“Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”** (Colossenses 3:3); uma vez que eles devem esse estado de espírito à morte de Cristo, eles também são reconhecidos como ἀποθανεῖν σύν Χριστῷ, isto é **“mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo”** (Colossenses 2:20). **“Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos”** (Romanos 6:8). Charnock também afirmou que **“a natureza corrupta é aqui chamada de ‘corpo’, moralmente, não fisicamente; ela consiste em**

e espiritualmente aqui (longe de Deus), concentrando-se para o suplício (tormento) eterno desse homem, que será exercido por Deus eternamente, que acompanhará distintamente a separação da unidade do homem (corpo e alma), primeiramente, seguirá pela ordem inalterável da morte física (morte do corpo comum) e, segundo, pela perdurável condenação através da morte espiritual (a alma fora de Deus). O verbo grego “apothnḗskō” ocorre 111 vezes no Novo Testamento. Ele enfatiza o significado da separação que sempre vem com o desligamento divino, enfatizando o fim do que é “anterior, para trazer o que (naturalmente) é posterior”.

diversos vícios (obras do corpo do pecado), como um corpo cadavérico com diversos ossos putrefatos”.

Uma ameaça e uma promessa.

Ele (Charnock) também criou um esquema para dá explicação de Romanos 8:13, da seguinte forma³⁴:

1 – Uma ameaça.

“Se viverdes segundo a carne, morrereis”.

2 – Uma promessa.

“Se, pelo Espírito, mortificardes as obras do corpo, vivereis”.

[1] – Na promessa há:

[A] – a condição.

[B] – a recompensa.

[2] – Na condição há:

[A] – O ato: – mortificar.

[B] – O objeto: – as obras do corpo:

- A causa: – o corpo.
- Os efeitos: – as ações.

[C] – Os agentes: – O homem e o Espírito. O principal, o Espírito; o menos principal, o homem; ambos unidos na obra: – não podereis fazê-la sem o Espírito, e o Espírito não a fará

³⁴ Stephen Charnock. “A Discourse of Mortification, Romans VIII”, p. 214 – 216, tradução feita pelo autor – <https://bit.ly/3088413> – Acessado em julho de 2023.

sem a nossa cooperação com Ele, e sem a nossa diligência em seguir os seus movimentos.

O ato.

A partir do 'ato', podemos observar, segundo quatro observações que Charnock faz, que:

1 – O pecado é ativo na alma de um homem não regenerado.

Seu coração é o território do pecado; o pecado está lá como em seu trono antes que o Espírito seja derramado. A mortificação pressupõe vida anterior na parte mortificada. Não chamamos uma pedra de morta, porque ela nunca teve vida. A justificação pressupõe a culpa, a santificação pressupõe a sujeira, a mortificação pressupõe a vida, precedendo esses atos.

2 – Nada, a não ser a morte do pecado, deve satisfazer uma alma regenerada.

A sentença é irreversível: — tem de morrer. Não há condescendência a ser mostrada a essa alma, não há punição mais alta do que a morte; não a perda de um membro, mas a perda de sua vida. O machado deve ser colocado na raiz, e a faca deve ser segurada na garganta. Os demônios são impedidos pelo poder de Deus de cometer muitos pecados, que não se pode dizer que estejam mortificados. Assim como nada além da morte de Cristo satisfaria a justiça de Deus, nada além da morte do pecado deve satisfazer a justiça da alma.

3 – “Mortificardes”.

No tempo presente. Daí observarmos que, assim como o ente pecado não deve ter perdão, também não deve ter adiamento.

Nenhuma misericórdia deve ser estendida a ele, como para dar-lhe um momento de fôlego. Inimigos perigosos devem ser tratados com uma severidade instantânea. Se não matarmos o pecado, de repente ele pode sugar o sangue de nossa alma.

4 – “Mortificardes”.

A mortificação é um ato contínuo. Deve ser uma severidade rápida e ininterrupta. A faca deve continuar sendo cravada na garganta do pecado, até que ele caia completamente morto. O pecado deve ser mantido preso, embora se enfureça mais, como uma besta que sofre com as dores da morte e fica mais desesperada.

O objeto.

A partir do ‘objeto’, podemos observar, segundo três observações que Charnock faz, que:

1 – A mortificação deve ser universal; não uma ação, mas ações, pequenas e grandes, devem passar por um fio, devem ser jogadas contra a lâmina.

Embora a batalha principal seja derrotada, ainda assim as ações de um exército podem obter a vitória. Há más disposições, hábitos depravados, afeições corruptas; não devemos poupar um ninho de víboras quando o encontramos, uma vez que todas são igualmente perigosas.

2 – Todos os pecados atuais são apenas os ramos do original.

O corpo significa a natureza corrupta, as ações são os frutos dessa natureza; todas as faíscas saem da fornalha interior; o corpo dá alimento aos membros, e os membros trazem suprimentos para o corpo. Há obras externas e internas, atos

da mente, que, embora não sejam atos do corpo natural, são atos do corpo do pecado. O que diz Gálatas 5:19 – 21, impureza, idolatria, inimizades, iras, invejas etc., atos que a alma também pode praticar separadamente do corpo natural, jamais do corpo do pecado.

3 – O maior objeto de nossa “vingança” está dentro de nós.

Os nossos “inimigos” são os da nossa própria casa (Miqueias 7:6), os rivais internos, os adversários íntimos; a nossa ira é, pois, uma ira santificada, quando é dirigida contra os nossos próprios pecados. O nosso “inimigo” apoderou-se das nossas almas, o que torna o trabalho mais difícil. Um inimigo pode ser melhor mantido à vista do que expulso, quando já tomou o controle. O pecado está dentro de nós, e está sempre presente conosco (Romanos 7:21³⁵); ele nos embosca nos melhores deveres, e ataca em todas as ocasiões em que queremos fazer o bem; quer interromper todas as coordenadas do Senhor; está em nossa razão, em nossas aflições; se instala em nós, nos rodeia, e facilmente nos atormenta.

Os agentes.

A partir dos ‘agentes’ (o homem e o Espírito), podemos observar, segundo três observações que Charnock faz, que:

1 – O homem deve ser um agente nesta obra.

Nós temos trazido este rebelde em nossas almas, e Deus quer que façamos por assim dizer algum revide (condenação), esforçando-nos para expulsá-lo; como na Lei, o pai deveria atirar a primeira pedra contra um filho blasfemo (Levítico 24:14 – 16). Não devemos ser neutros nesta obra, nem

³⁵ “Acho, então, esta lei em mim: – que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo” (ACR).

espectadores. Ela não será feita sem nós, embora não possa ser feita simplesmente por nós; não será feita sem a nossa participação, embora não possa ser feita sem uma operação sobrenatural.

2 – É um dever universal.

[1] – Homens carnais, não há nenhum preceito dado a vocês para pecar, e, portanto, não é seu dever pecar. A vida de pecado é a nossa miséria, e a mortificação do pecado é a nossa felicidade, bem como o nosso dever.

[2] – Homens regenerados e justificados, a regeneração não é um benefício para o pecado, nem o isenta do trabalho de mortificação. A eleição, e conseqüentemente os frutos da eleição, é para a santidade, não por causa da santidade, isto é, a eleição não deriva da santidade (Efésios 2:4, 9, 10). A vocação e a santificação, das quais a mortificação é o primeiro estágio, são óculos de observação para ver o topo da eleição. Embora tenhamos mortificado o pecado, continuemos a mortificá-lo.

3 – Através do Espírito Santo.

[1] – A mortificação não é obra da natureza; é uma obra espiritual. Todo homem deve ser um agente na mortificação, mas não por sua própria força. Temos de entrar no duelo, mas só a força do Espírito pode tornar-nos vitoriosos. O dever é nosso, mas o êxito vem de Deus. Cada crente é “principium actium” (o princípio das ações), mas o Espírito é “principium effectium” (o princípio da eficácia). Podemos pecar por nós mesmos, mas não podemos vencer o pecado por nós mesmos; sabemos ser escravos do pecado, mas não podemos ser vencedores por nós mesmos. Como Deus nos fez livres, só Ele

nos pode restituir a liberdade que perdemos, e o faz pelo seu Espírito, que é um Espírito de liberdade.

“Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Coríntios 3:17).

[2] – A dificuldade deste trabalho é aqui declarada. A dificuldade é manifestada pela necessidade da eficácia do Espírito. Nem todos os poderes da terra, nem a força das ordenanças, podem fazê-lo; a onipotência deve ter a parte principal na obra. A presença da graça no coração é chamada de inspiração, a perfeição da graça é chamada de bênção, ambas pertencentes a um poder onipotente.

A promessa.

A partir da “promessa”, podemos observar, segundo três observações que Charnock faz, que:

1 – O céu é um lugar apenas para vencedores, como diz Apocalipse 3:21: – “Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono”.

Aquele que for amigo do pecado, não pode ser o amigo querido de Deus. O caminho para a vida eterna é através de conflitos, internos com o pecado, externos com o mundo. Deve haver um combate antes de uma vitória, e uma vitória antes de um triunfo.

2 – Quanto mais perfeita for a nossa mortificação, mais clara será a nossa certeza da glória (Tiago 4:8 – 10).

Quanto mais o pecado morre, mais a alma vive. Quanto mais íntegro for o nosso viver, tanto mais sentiremos que vivemos.

Quanto mais o inimigo fugir (Tiago 4:7), mais certeza teremos de uma vitória que se aproxima.

3 – A mortificação é um sinal seguro da graça salvadora.

É um sinal da habitação do Espírito e da sua ação poderosa, um sinal de uma aproximação ao céu. Em síntese embasado nesse esquema, Charnock afirmou que, a doutrina sobre a qual o homem deve insistir é a seguinte: – **“A mortificação do pecado é um dever universal, e a obra do Espírito na alma de um crente, sem a qual não pode haver expectativas bem fundamentadas de vida eterna e felicidade”**.

A mortificação do pecado.

E daí Charnock parte para uma conclusão mais detalhada, mas não exaustivamente, sobre a mortificação do pecado.

Stephen Charnock não propõe-se empreender um discurso pormenorizado sobre a mortificação do pecado, entretanto, ele estabelece um discurso exortativo e constitui, fundamentando-se naquilo que já foi dito, anteriormente, por ele mesmo, a respeito de assemelharmo-nos à santidade de Deus, para a qual esta obra é indispensável. **“Não podemos assemelhar-nos a Deus até que aquilo (pecado) que é o obstáculo a essa semelhança seja retirado; e à medida que a nossa deformidade é desagregada e reduzida, aproximamo-nos do nosso padrão original. E, portanto, vou apenas mostrar, em resumo, o que é essa mortificação, e como podemos julgar por nós mesmos, se somos mortificados ou não, e que sem essa mortificação não pode haver esperança do céu”**, escreveu Charnock³⁶; ele advertiu que a não mortificação do pecado é objetivamente **“uma violação da**

³⁶ Stephen Charnock. “A Discourse of Mortification, Romans VIII”, p. 216, tradução feita pelo autor – <https://bit.ly/3088413> – Acessado em julho de 2023.

aliança de Deus que naturalmente sustentamos com o nosso pecado". Desde que nos relacionamos mal permanentemente com Deus devido o pecado, temos sustentado uma relação constante com o pecado original e também com as próprias consequências de nossas decisões pecaminosas que mancham nossos testemunhos; mesmo depois da regeneração, maculamos e desonramos profundamente o nosso relacionamento com Deus. Segundo Charnock **"a união entre o pecado e a alma é tão estreita quanto aquela entre a carne e os ossos, ou a carne e o sangue, estando o sangue em cada parte da carne, e o pecado em cada parte da alma"**. Ele define em relação a essa união, que **"o pecado é chamado de 'carne', por causa de sua união com a matéria (corpo humano). A união entre o pecado e a alma é naturalmente tão grande quanto a união entre Cristo e um cristão, sendo manifestada pelas semelhanças do casamento (Romanos 7); corpo e membros, raiz e ramos, bem como um e outro. Na política também, entre rei e súditos"**. Por isso se diz que o pecado tem domínio, por meio das leis que ele mesmo cria, e daí se lê da **"lei dos membros (ou lei do pecado)"** quando Paulo escreveu: – **"Dentro de mim eu sei que gosto da Lei de Deus. Mas vejo uma lei diferente agindo naquilo que faço, uma lei que luta contra aquela que a minha mente aprova [a Lei de Deus]. Ela me torna prisioneiro da lei do pecado que age no meu corpo"** (Romanos 7:22, 23). Em relação a isso, Stephen Charnock, criou um paralelo entre Romanos 7:23 e outro texto da Escritura Sagrada do Novo Testamento, escrevendo que a mortificação é comunicada pela afirmação paulina de **"não termos comunhão com as obras infrutuosas das trevas, mas, antes, condená-las"** (Efésios 5:11; 1 Coríntios 5:9, 11; 2 Coríntios 6:14); [fazer] uma separação do laço conjugal com o pecado.

Essa separação conjugal acontece pela mortificação do pecado – **"significa não compartilhar do estilo de vida**

obscurcido que provém do pecado; ocorre quando nos 'prendemos a um jugo desigual' com o pecado (2 Coríntios 6:14, 15); realizamos este casamento com o pecado quando não mortificamos nossas voluptuosidades nos unindo com o pecado e com ele nos tornando um (1 Coríntios 6:16); escolhemos 'casar' com este dominador cruel, quando Deus proíbe este tipo de casamento para o seu povo (Malaquias 2:11). É como se Deus dissesse: – '[a união com o pecado] farão com que vocês e os seus filhos rejeitem a mim e adorem outros ídolos. Aí o SENHOR Deus ficará irado com vocês e os destruirá de uma vez' (Deuteronômio 7:3, 4)".

A mortificação do pecado por parte do homem convertido **"revela a sua falta de interesse comum por esse tipo de casamento, em que noutro tempo estavam ligados homem e pecado numa espécie de ação simbiótica³⁷".** Segundo escreveu Stephen Charnock, pela mortificação **"o relacionamento e a ligação familiar com o pecado são rompidos, a comunhão entre o pecado e a alma chega ao fim, é terminado o interesse em que estavam ligados; a forma do antigo divórcio é toda a recepção que o pecado merece, como diz Isaías 30:22: – 'dirás: – Fora daqui!'. Ou como diz Oséias 14:8: – 'Que mais tenho eu com você inimigo de Deus?'. Olha agora para o seu antigo companheiro como um inimigo e ponto final. O jugo do pecado, que era leve, é agora pesado; nada mais desejado do que sacudi-lo para longe; e esse é o objeto de nossa antipatia, que antes fora objeto do mais especial prazer"**.

Nesse sentido, é-nos revelado que **"ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente"** (Tito 2:12). Isso significa um tapar os ouvidos contra as

³⁷ Simbiose significa "viver junto".

importunações do pecado, e recusar todo tipo de negócio e coabitação com ele e Satanás, seu fomentador e promotor (João 8:44; Provérbios 1:10; Mateus 4:1; Marcos 1:13; Tiago 4:7; Mateus 6:13).

O pecador e Satanás como fomentador e promotor do pecado.

Satanás conduz os eleitos de Deus de pecados “menores” para pecados “maiores” nesse processo de mortificação. O ministro presbiteriano e membro da Assembléia de Westminster, William Spurstowe (1605 – 1666), lembrou que Satanás também representa perigo para o eleito de Deus: – **“A experiência de Satanás encoraja-o com confiança a atacar o melhor e mais santo entre os santos, se não para extinguir sua luz, pelo menos para ofuscar seu brilho, se não para causar um naufrágio, pelo menos para levantar uma terrível tempestade, se não para impedir o seu final feliz, pelo menos para perturbá-lo em seu caminho. Tais práticas ele tem julgado e usado não apenas para ter algum sucesso contra o mais forte, mas para intimidar e desencorajar o mais fraco, que é suscetível de, a partir de conflitos particulares comparando-se à cristãos renomados na fé, fazer tristes conclusões contra si mesmo, ao gritar em seu íntimo: – ‘Quid facient tabulae, si gemant columnae?’, isto é: – ‘O que farão as vergas e caibros, se os pilares do edifício tremerem? O que farão os juncos e os salgueiros, se os cedros forem abalados?’. Quem é aquele que se debateu com ele [Satanás], e não desistiu? Quem é aquele que entrou no campo contra ele, e não foi ferido por ele?³⁸”**. Satanás está cheio de engenhos, e estuda artimanhas por meio das quais procura incansavelmente a ruína irrecuperável das almas dos homens. Pecados “menores” não são menos graves para vida

³⁸ William Spurstowe, “The wiles of Satan” – <https://bit.ly/30gd9Va> – Acessado em julho de 2023.

do eleito que pecados “maiores”, todos são igualmente nocivos. Spurstowe advertiu que **“pecados ‘pequenos’ são como a tinta de fundo que é pintada num poste ou coluna para prepará-lo para receber aquelas outras cores que serão pintadas por cima; pecados ‘pequenos’, menos odiosos, geram inclinações poderosas na alma do homem para pecados ‘maiores’, mais odiosos, e fazem um caminho para a entrada dos mesmos, corrompendo o temor e as percepções dos homens sobre o pecado, tanto em relação à sua deformidade, quanto à sua amplitude, pois nenhum pecado é igualmente cruel, e grande para se olhar, para aquele que admite familiaridade com o menor dos pecados, do que para aquele que se abstém de toda a aparência do mal³⁹”**. Os pecados ‘pequenos’ acabam e dissipam o santo temor diante de Deus e também o ódio pelo pecado, fazendo com que a mortificação sucumba aos poucos até sermos entregues à completa miséria espiritual ou à terrível condenação; conduz os homens a pecados maiores à medida que esses homens tentam encobrir seus pequenos pecados. A solução para Spurstowe é: – **“Prestai atenção para que não deis lugar ao Diabo’ (Efésios 4:27). Ou seja, não ceda a nenhuma tentação de Satanás [Malae cogitationes sunt antiqui serpentis caput, diz Jerom⁴⁰]. O desejo pelo mal é a entrada na cabeça da velha Serpente, pela qual ela rapidamente enrolará todo o seu corpo⁴¹”**. Se o Diabo faz pouco caso do pecado, o homem regenerado não deve imitá-lo, o pecado deve ser visto como a coisa mais odiosa que Deus menospreza.

Como advertiu Thomas Brooks: – **“Há, certamente, mais mal no menor dos pecados do que na maior das aflições. Portanto, considerai solenemente que os pecados que consideramos pequenos, trouxeram sobre os homens a**

³⁹ William Spurstowe, “The wiles of Satan” – <https://bit.ly/30gd9Va> – Acessado em julho de 2023.

⁴⁰ “Maus pensamentos são a cabeça da antiga serpente, diz Jerônimo”.

⁴¹ William Spurstowe, “The wiles of Satan” – <https://bit.ly/30gd9Va> – Acessado em julho de 2023.

maior ira de Deus, como comer de uma maçã, apanhar alguns gravetos no sábado e tocar na arca. A terrível ira que esses pecados trouxeram sobre as cabeças e os corações dos homens! O menor pecado é contrário à Lei de Deus, à natureza de Deus, ao ser de Deus e à glória de Deus; e, portanto, é frequentemente punido severamente por Deus; e não vemos diariamente a vingança do Todo-poderoso caindo sobre os corpos, nomes, Estados, famílias e almas dos homens – por aqueles pecados que são apenas pequenos aos seus olhos? Certamente, se não estamos totalmente abandonados por Deus e cegos por Satanás, não podemos deixar de ver isso! Assim sendo, quando Satanás diz que é apenas um pequeno, deveis dizer: – Mas esses pecados que chamais de pequenos, são tais que farão com que Deus faça chover o inferno do céu sobre os pecadores, como fez com os sodomitas!⁴²”.

O viver “segundo a carne”.

Com esses comentários, no tocante à afirmação do Apóstolo Paulo quanto à vivência **“segundo a carne”**, podemos definir apropriadamente como **“colocar o modo de viver do homem regenerado à sombra das aspirações, dos apetites e concupiscências carnis (1 João 2:16), que nascem de um coração enganoso, desesperadamente corrupto (Jeremias 17:9), conforme o estímulo que recebe do tipo de sabedoria que não vem dos céus, mas é terrena; não é celestial, mas demoníaca (Tiago 3:15); essa mesma sabedoria serve como guia cego para tais homens; alimentando seus pensamentos e projetos que contrariam o modo correto de pensar e, logicamente, a forma verdadeira de viver (Filipenses 4:8); legitimando obras atrozés, o incitamento e avanço de Satanás, por assim dizer, mesmo sabendo que ele já fora**

⁴² Thomas Brooks, “Precious Remedies Against Satan’s Devices”, p. 2, 23 – <https://www.preachtheword.com/bookstore/remedies.pdf> – Acessado em julho de 2023.

derrotado eternamente por Jesus Cristo". Isto é, propriamente sair de um plano superior, salutar e eterno, para um plano inferior, doentio e terreno (efêmero), dando itinerário especial ao término da vida.

Melhor dizendo, denota **"afastar-se gradualmente daquilo que é produzido divinamente, o que Paulo denomina de 'Fruto do Espírito Santo'⁴³ (Gálatas 5:22), colocando-se contrariamente, como praticante das 'obras da carne' (Gálatas 5:19 - 21), ao decreto de santificação revelado na palavra de Deus, para enfim, seguir obstinadamente o curso do plano inferior que é criado no interior corrupto do homem não-regenerado, contudo, 'sabendo que os que cometem tais coisas [as obras da carne] não herdarão o reino de Deus' (Gálatas 5:21). É viver, em suma, sabotando conscientemente a intervenção santificadora e sustentadora do Espírito Santo no modo de viver, apagando paulatinamente o Espírito Santo (1 Tessalonicenses 5:19; Atos 7:51; Efésios 4:30; 1 Coríntios 1:30; 2 Coríntios 5:17) e, conseqüentemente, a purificação que é operada por Ele através de sua majestosa obra santificante (Hebreus 9:14); e pior, é colocar a verdade eterna como subordinada às próprias concupiscências e degenerescências humanas"**.

Denota também um modo de viver distributivamente (dúbio), indicando uma sucessão de coisas que se seguem. Como a afirmação alemã, "lebe unter natürlichen Herren" [viver entre mestres naturais ou senhores da terra], ou seja, **"[viver]**

⁴³ A respeito do fruto do Espírito Santo (cf. Gálatas 5:22); essas virtudes são caracterizadas como fruto em contraste a "obras" (v. 19 - 21), sabemos que somente o Espírito Santo pode produzi-las, e não nossos próprios esforços. Um outro contraste é que, enquanto as obras da carne são mais de uma, o fruto do Espírito é um e indivisível; quando o Espírito domina e influi completamente a vida de um cristão, Ele produz todas essas graças. Pode ser categorizado como sendo, as três primeiras (o amor, a alegria e a paz) dizem respeito à nossa atitude em relação a Deus, a segunda triade (a paciência, a delicadeza e a bondade) atende os relacionamentos sociáveis, e o terceiro grupo (a fidelidade, a humildade e o domínio próprio), descreve os princípios e convicções fundamentais que guiam a conduta de um cristão.

conforme relações terrenas, de acordo com os padrões, estruturas, ordens e conformações desta terra". Viver "segundo a carne" é viver em todos os sentidos, em todos os aspectos, tendo sempre e apenas mestres naturais, não espirituais, seguindo por idéias que, geralmente, são propagadas e apresentadas por "senhores" de sabedoria terrena, não celestial, de fala polida, aparentemente "gentil", mas de pensamento espúrio, que esconde o que de fato o são, sepulcros caiados, cães e porcos, que jamais produziram e ensinaram a verdade. O Apóstolo Paulo neste versículo 13 de Romanos 8, adiciona uma repreensão com o objetivo de abalar com mais severidade a letargia (indolência) de homens que jactanciosos defendem uma justificação pela fé à parte do Espírito de Cristo. Somos realmente justificados tão-somente em Cristo Jesus pela sempiterna graça e misericórdia divina, mas devemos nos apegar a verdade que todos quantos são justificados graciosamente, são igualmente convocados pelo Senhor a viverem uma vida digna de sua vocação santificante, sim, mas dependente.

A vocação santificante.

A vocação santificante não admite o "mais ou menos", todos nós que assumimos a posição de um eleito de Deus, temos, obrigatoriamente, de nos entregar completamente aos seus mandatos (cultural, social e espiritual⁴⁴). Consagrada ao Deus

⁴⁴ O mandato cultural foi dado ao homem colocado-o para supervisionar todas as formas de vida da terra de acordo com o Livro do Gênesis, este governo envolvia o trabalho de todos os homens em todas as eras; o domínio e sujeição (Gênesis 1:28), a guarda e o cultivo (Gênesis 2:17), todas essas ordens de Deus dizem respeito a esse primeiro mandato. O mandato social ensina que Deus criou a humanidade à sua "imagem conforme a sua semelhança" (Gênesis 1:26), apenas como macho e fêmea (Gênesis 1:27). O mandato social provê a base divinamente ordenada para a constituição do casamento entre homem e mulher e, conseqüentemente, da família. O mandato social é a base para o mandato cultural que segue, pois, a partir da família se desenvolve a sociedade e depois se cria a cultura. Portanto, o casamento não é uma invenção do homem, é uma ordem (mandato) de Deus e, por isso, deve ser obedecido e cumprido (Gênesis 1:28). O mandato espiritual tem a ver com o relacionamento que Deus estabeleceu com os portadores de sua imagem, isto é, homem e mulher. Deus desejava ter um relacionamento íntimo e pessoal com a sua maior criação, estabelecendo um dia de descanso onde as atenções deveriam ser direcionadas somente para Ele (Dia do Senhor).

da verdade em sua totalidade, a nossa vida é dEle em todas as situações que ela é constituída. Diante de qualquer ordem divina, devemos dizer: – **“É meu dever obedecer a Deus, logo é também meu dever obedecer integralmente, já que o que não se obedece integralmente não é santificação, nem fé. Na medida em que eu negligenciar a ordem divina, eu falharei na vocação santificante, tendo desobedecido ao Senhor, traído a mim mesmo e faltado a Igreja. Nessa medida eu renuncio a minha vocação e vida digna. Ter uma vocação santificante é ter a obrigação do perfeito através da Palavra divinamente inspirada (2 Timóteo 3:16, 17)”**.

Não existe tal coisa como a observância parcial da santificação, porque o que de Cristo recebemos foi a justificação e a santificação, é impartível, não pode ser divisível (Tiago 2:14 – 26). É preciso consagrar a vida inteira em ambos os propósitos, crer em Cristo para a justificação e santificação. Cada pensamento e ação, cada palavra, trabalho e silêncio, a Cristo, se se deseja viver a vontade de Deus em santidade e fé.

A vocação santificante é essencialmente sacramental. Por “sacramento”, no sentido em que aqui é empregada a palavra, quero dizer, da maneira mais específica “mistério”, que alude a Deus manifestando sua vida, glória e poder e sua revelação à mente e ao coração humano, para a santificação. O mistério da bondade de Deus é o fundamento e a medida do conhecimento do homem em santidade; é de imediato o objeto (o locus) de sua vida e devoção. No contexto deste mistério, o intelecto e a vontade humana são livres para prosperar e se submeter à santidade, porque estão sendo cumpridos em circunspecção diante do que é

Deus, quando criou o homem estabeleceu uma ligação especial com ele, onde existia uma comunhão amorosa, exercida pelo andar diário do homem com Deus, intimidade se expressando com amor, honra, devoção e adoração, era a base desse mandato.

incircunscritivamente indescritível: – **“A transcendência infinita de Deus, que com o tempo se Encarnou”** (João 1:14; Hebreus 1:1 – 4; Colossenses 2:9). Isto é, o intelecto e a vontade humana são livres para desenvolver-se e conformar-se, porque estão sendo preparados em ponderações diante do que é ilimitadíssimo, inexprimível e extraordinário, a Encarnação do Verbo, a Palavra viva, a verdade santificadora, o Logos cosmológico, soteriológico e epistemológico, que é Cristo, a Pessoa do Redentor; em que Deus Pai fala pelo Filho por obra do Espírito Santo através das Escrituras Sagradas (Hebreus 1:1), para conceder vida e transmitir fé ao seu santo povo. A Igreja deve aprender a crer em Cristo, não somente para justificação, mas também para santificação, porque a verdade é que Ele nos entregou para ambos os propósitos; se não seguirmos assim, evidenciaremos pelo modo de viver que a fé em Cristo é aleijada e mutilada, ora cremos em Cristo como Redentor, ora desprezamos Cristo como Senhor. Já que Paulo no versículo 12 afirma: – **“Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne”**. Isto é, **“nós temos uma obrigação, que é a de não vivermos de acordo com a nossa natureza humana”**, mas a obrigação, como justificados por Cristo, de vivermos em santificação segundo a operação e obra do Espírito Santo, e por meio dEle mortificar continuamente as obras do corpo do pecado para a glória de Deus.

Como escreveu o teólogo e pastor, Robert Charles Sproul (1939 – 2017), em seu “Comentário Expositivo Sobre Romanos”: – **“Não devemos nada ao velho homem, absolutamente, nada. Nós não estamos sob nenhuma obrigação de cumprir os desejos da nossa natureza caída. Somos devedores ao Espírito Santo”**⁴⁵. Ou como escreveu com humor macarrônico, Lutero, acerca da única dívida que temos com o pecado (matá-

⁴⁵ R. C. Sproul, “Romans – An Expository Commentary”, Ligonier Ministries, Orlando, 2019, p. 213.

lo): – **“Pensei que o velho homem (pecado) havia morrido nas águas batismais, mas descobri que o infeliz sabia nadar. Agora tenho que matá-lo todos os dias”**.

Não matar o pecado, talvez, seja uma forma sofisticada de ressuscitar o monarca déspota (pecado) que Cristo matou, destituiu do seu império e conquistou seus vassalos (corpo) com seus espólios de guerra, permitindo que esse, impere, novamente, com crueldade e força recrutando os seus antigos súditos – os membros do corpo natural que é parte dos membros do Corpo de Cristo, que é espiritual, que jamais poderia nutrir outra vez o corpo do pecado da morte –, é “viver segundo a carne” para morrer eternamente.

Não matar o pecado, talvez, seja um excelente e mascarado estratagema do diabo não percebido por muitos, mas colocado no recôndito do coração destes muitos despercebidos, para viverem segundo o que é apenas natural, aceitando convenientemente a verdade, mas não a aceitando integralmente; homens que não se santificaram por amor à verdade, que é Pessoa, Jesus Cristo, o Filho de Deus, não receberão **“o amor da verdade para se salvarem. E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade”** (2 Tessalonicenses 2:9 – 13).

Como afirmou o puritano e ministro, William Jenkyn (1613 – 1685), relativamente ao “modus operandi” de Satanás com a participação do pecado, ao tentar homens desacomodados e desprovidos de conhecimento divino: – **“Ele [Satanás] tem uma maçã para Eva, uma uva para Noé, uma muda de roupa para Geazi e uma bolsa para Judas⁴⁶”**. Para esta época em que

⁴⁶ Citado em “The Golden Treasury of Puritan Quotations” [O Tesouro Dourado das Citações Puritanas], compilação de Isaac David Ellis Thomas ou I. D. E. Thomas, Chicago, Moody, 1975, p. 76.

vivemos, comedidamente, faço uma adaptação a pontual observação bíblica de Jenkyn. Agora, Satanás tem idéias para homens que são ávidos por informações, mas sem preparo, ou que são negligentes nas suas vocações. Contudo, esses mesmos homens não o são para a piedade, eles estão como que dormindo e envolvidos em recreações fúteis e vis, quando não estão envolvidos em vícios ou costumes tolos, em emoções que foram degeneradas em emocionalismo, envolvidos numa certa proporção em tradicionalismo ou mesmo em racionalismo "bíblico". **"A diversidade de idéias apresentadas pelo diabo hodiernamente é o equivalente para a maçã, a uva, a muda de roupa e a bolsa"**, que Jenkyn aludiu como forma do Satanás atacar homens omissos e comissos. Isso começa pela sabotagem da santificação, já mencionada, que ocorre **"unicamente pelo desprezo da Escritura Sagrada e da fé na Escritura Sagrada"**. Porque erramos sempre, quando não conhecendo as Escrituras Sagradas (Antigo e Novo Testamentos), nem o poder de Deus (Mateus 22:29; João 7:24), julgamos àquilo que rogamos saber, quando de fato não sabemos. Deve haver radicalmente um retorno à Teologia propriamente dita, para que haja a compreensão do que é de fato **"viver segundo a carne"** e de **"mortificar as obras do corpo"**. Há certa profundidade na advertência **"de viver segundo a carne"** e da ordem com promessa de **"viver pelo Espírito mortificando as obras do corpo"**.

A zóé de Cristo e a vida do homem.

Muitas são as implicações gravíssimas para o homem, em consequência da não compreensão das ordens, promessas e advertências divinas e, pela não observância e atenção das mesmas, que seguirão ele após a morte física (a segunda morte) e, certamente, muitas são as implicações benéficas e

favores para a realidade do homem aqui, que igualmente, seguirão ele na sua vida após a morte (a vida eterna).

Também já vimos, ameaças e promessas. Ora, são estas as sentenças de Deus para pecadores, se viverem segundo a carne, morrerão (serão condenados diante dos santos anjos e dos redimidos no Julgamento Final como àqueles pecadores não-regenerados, não salvos), porém, se mortificarem as obras do corpo, viverão (serão confessados e galardoados diante dos santos anjos e dos redimidos no Tribunal de Cristo como àqueles pecadores que foram regenerados, salvos, que por Ele foi justificado perante o Pai, e serão para sempre confirmados como verdadeiros filhos adotivos de Deus).

Quando o Apóstolo Paulo menciona que **“se o homem viver segundo a carne”**, a consequência implícita aqui é que esse homem morrerá duplamente, devemos compreender também que essa vida que o homem vive, como regra, é a vida que despreza a **“zóé (vida) de Cristo”** (João 14:6).

Deixe-me explicar a relação que há entre a vida (proveniente) do homem e a vida que é intimamente partilhada por Deus, isto é, **“a vida que é física, mas também espiritual (eterna)”**.

Toda a vida, em todo o universo, é derivada, ou seja, ela sempre (e somente) vem da vida autoexistente de Deus e que por Ele é sustentada. O Senhor partilha intimamente o seu dom da vida com as pessoas, criando cada uma à sua imagem conforme a sua semelhança (Gênesis 1:26 – 28), o que concede a todas, a capacidade de conhecer a sua vida eterna. Essa capacidade de conhecer a **“zóé de Cristo”** (vida eterna), tanto da existência física (presente) como da existência espiritual e eterna (particularmente, futura), depende de não **“viver segundo a carne, e sempre mortificando as obras do corpo”**, em outras palavras, se os homens **“viverem de acordo com a**

natureza humana, morrerão espiritualmente; mas, se pelo Espírito de Deus esses homens matarem as suas ações pecaminosas, eles viverão para sempre a zóé de Cristo”.

O Apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9:27 diz que se deve subjugar “o corpo”, não “a carne”, pois o corpo nos instiga a praticar más obras; podemos entender “más obras” como um equivalente de “feitos do corpo”. Paulo faz uso de dois vocábulos gregos importantes para a compressão de como devemos **“mortificar o pecado”**, são eles “sarka” (carne) e “sōmatos” (corpo). A correta compreensão do contraste desses termos indica apropriadamente a disposição em se mortificar o pecado.

Primeiro, quando Paulo faz uso do substantivo “sárks” (carne), devemos entender que nem sempre é algo de caráter maléfico na Escritura. De fato, esse termo é usado positivamente em referência às relações sexuais no casamento (Efésios 5:31), bem como para o corpo humano sem pecado de Jesus (João 1:14; 1 João 4:2, 3). A “carne” (o que é físico) é necessária para que o corpo viva a fé que o Senhor opera, como é-nos mencionado por Paulo, **“a vida que agora vivo na carne (σάρκι), vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”** (Gálatas 2:20). Mas de acordo com o contexto, aqui o uso é negativo.

Nas palavras do teólogo presbiteriano, David Martyn Lloyd-Jones (1899 – 1981), que foi por quase 30 anos ministro da Capela de Westminster, em Londres, que comentou Romanos 8:13 da seguinte forma: – **“Não é que os instintos do corpo sejam em si pecaminosos. Os instintos são naturais e normais, e não são inerentemente pecaminosos. Todavia o pecado residual existente em nós está sempre tentando levar os instintos naturais em direções más. Tenta induzir-nos a todo ‘apetite desordenado’ (Colossenses 3:5), a exagerar nossos apetites e desejos, a fazer-nos comer**

demais, beber demais, tenta levar-nos a ceder demais aos nossos instintos; desse modo eles se tornam 'desordenados'⁴⁷.

O uso do vocábulo “carne” (sarks) na Escritura também é geralmente empregado negativamente, **“referindo-se à tomada de decisões de acordo com o eu (ego caído), isto é, feitas à parte da fé (independente da operação de Deus)”**. Assim, o que é “da natureza (carnal)” é, por definição, desagradável ao Senhor, mesmo as coisas que parecem “respeitáveis” ao homem! (Mateus 26:41; Gálatas 5:16, 19 – 21, 24; Colossenses 2:11; 1 João 2:16). Em suma, **“a carne está geralmente relacionada com o esforço humano sem intervenção divina, ou seja, com ações que têm origem no homem ou que são potencializadas pela força e corrupção do próprio homem. São ações ‘da carne’ e procede da parte inalterada de nós, o que não é transformado por Deus neste habitat presente no ato da regeneração”**.

Paulo escreve que, **“quando éramos controlados pela carne, [...] dávamos fruto para a morte”** (compare Romanos 7:5 com Romanos 8:13). Aqui, entendemos que estávamos “na carne”. Segundo Calvino, **“a expressão comum da Escritura – ‘estar na carne’ –, significa ser dotado somente com dons naturais (carnais), sem a graça particular com que Deus favorece seu povo eleito. Se este estado de vida é totalmente pecaminoso, é evidente que nenhuma parte de nossa alma é inerentemente pura, e que o único poder que o nosso livre-arbítrio possui é o de exteriorizar suas vis paixões como dardos lançados em todas as faculdades da alma⁴⁸”**.

⁴⁷ Martyn Lloyd-Jones, Romanos, Exposição sobre o capítulo 8:5 – 17 – Os Filhos de Deus, Editora PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas, São Paulo, 2002, p. 180. Título original: – “The Sons of God”, Editora The Banner of Truth Trust, 1ª ed. Inglês em 1974.

⁴⁸ João Calvino, Romanos, Tradução Valter Graciano Martins, Edições Parakletos, São Paulo, 2001, p. 240. Segundo Calvino, “estar na carne” possui dois significados: – não ser regenerado e viver em nosso estado natural corrupto. Ou, estar sujeito a ritos e cerimônias externos, como eram os judeus (Gálatas 3:3; Filipenses 3:4). O significado de “estar na carne”, segundo Beza e Pareus, é o primeiro;

Segundo, quando Paulo faz uso do substantivo “sōmatos” (corpo), devemos entender que Paulo presumindo que pelo Espírito, os homens condenam à morte os feitos maus do corpo, eles, certamente, viverão. Contudo, os dois “ses” em Romanos 8:13 presumem a realidade da coisa declarada. As conclusões de ambas as sentenças se seguem logicamente. Sua solenidade corresponde à seriedade da ação nas cláusulas com os “ses”, morte ou vida! Uma vez que a morte espiritual aqui foi encarada como o clímax – **“o banimento final da presença de Deus, a condenação final; a segunda morte”** – a vida, à que se refere Paulo, deve ser a vida glorificada que está à espera do homem regenerado e santificado. Certo homem afirmou: – **“O Senhor Jesus não leva para o céu ninguém que Ele não tenha santificado na terra. Esta Cabeça viva não admite membros mortos”⁴⁹**.

A santificação⁵⁰ é a peculiaridade e virtuosismo da santidade; é o qualitativo da santidade e o avaliatório do modo de viver

segundo Grotius e Hammond, o segundo; e segundo Turretin e Hodge, ambos estão inclusos, como o contexto, no ponto de vista deles, evidentemente mostra.

⁴⁹ Citação atribuída, predominantemente, à John Owen, porém, outros teólogos fazem referência à John Wesley.

⁵⁰ De acordo com o Breve Catecismo de Westminster – Pergunta 35, a santificação é “obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão”. É uma mudança contínua operada por Deus em nós, livrando-nos dos hábitos pecaminosos e formando em nós afeições, disposições e virtudes semelhantes às de Cristo. Isso não significa que o pecado seja instantaneamente erradicado, porém é mais do que uma ação contrária pela qual o pecado seja apenas restringido ou reprimido, sem ser progressivamente destruído. A santificação é uma real transformação, não mera aparência. O significado básico de “santificar” é separar para Deus, para seu uso. Porém Deus opera naqueles a quem Ele reivindica como sua propriedade, de maneira a torná-los semelhantes à “imagem de seu Filho” (Romanos 8:29). Essa renovação moral, pela qual somos crescentemente mudados naquilo que éramos outrora, ocorre pela ação do Espírito que habita em nós (Romanos 8:11; 12:1, 2; 1 Coríntios 6:11, 19, 20; 2 Coríntios 3:18; Efésios 4:22 – 24; 1 Tessalonicenses 5:23; 2 Tessalonicenses 2:13; Hebreus 13:20, 21). Deus chama seus filhos para a santidade e, graciosamente, lhes dá o que Ele mesmo exige (1 Tessalonicenses 4:4; 5:23, 24). Regeneração é nascimento; santificação é crescimento. Na regeneração, Deus implanta em nós desejos que antes não tínhamos; desejo por Deus, desejos pela santidade, de glorificar o nome de Deus no mundo; desejo de orar, de cultuar; desejo de amar e de fazer bem aos outros. Na santificação, o Espírito “efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”, que capacita o seu povo para cumprir seus novos e santos desejos (Filipenses 2:12, 13). Os cristãos se tornam crescentemente semelhantes a Cristo, quando o perfil moral de Jesus (o “fruto do Espírito”) é progressivamente formado neles (2 Coríntios 3:18; Gálatas 4:19; 5:22 – 25). A regeneração é um ato instantâneo de Deus, que leva a pessoa da morte espiritual para a vida. É obra

santamente; quanto mais nos separarmos mais santos nos tornaremos e, mais próximos de Deus estaremos (Hebreus 12:14).

Pela palavra “vivereis” que Paulo faz uso, podemos entender **“vivereis mais espiritualmente e confortavelmente aqui, e eternamente no futuro”**. O uso do corpo para o pecado, por si só, já seria uma grande blasfêmia a Deus e contrariedade ao plano superior de Deus – a salvação do pecador que é escravo do pecado –, dado que Cristo comprou para si todo o corpo do homem, agora, simultaneamente justo e pecador (regenerado, justificado adotado e santificado), mãos, pés, olhos etc., não pertencem mais ao pecado (o monarca morto), mas a Cristo (o Rei que vive), este corpo comprado pelo sangue preciosíssimo dEle é parte do Templo de Deus e do seu Corpo, parte da Igreja (sua noiva).

Paulo sobre o Evangelho sempre incluía a ira de Deus – sua justiça, sua ira pessoal contra todo pecado do universo, que Ele exerce porque, ao invés de lhe trazer glória, o pecado o desonra e contradiz seu caráter santo e moral. A injustiça das

exclusiva de Deus. A santificação é um processo constante, que depende da ação contínua de Deus no crente, e consiste na contínua luta do crente contra o pecado. O método de santificação usado por Deus não é nem ativismo (atividade autoconfiante), nem apatia (passividade confiante em Deus), mas esforço humano dependente de Deus (2 Coríntios 7:1; Filipenses 3:10 – 14; Hebreus 12:14). Sabendo que sem a capacitação dada por Cristo não podemos fazer boas obras, mas também sabendo que Ele está pronto a fortalecer-nos em tudo o que devemos fazer (Filipenses 4:13), nós “permanecemos” em Cristo, pedindo constantemente seu auxílio – e o recebemos (Colossenses 1:11; 1 Timóteo 1:12; 2 Timóteo 1:7; 2:1). A obra divina de santificação segue o padrão da Lei moral revelada por Deus, exposta e exemplificada pelo próprio Cristo. O amor, a humildade e a paciência de Cristo constituem o supremo padrão para os cristãos (Romanos 13:10; Efésios 5:2; Filipenses 2:5 – 11; 1 Pedro 2:21). Os crentes encontram dentro de si mesmos impulsos contraditórios. O Espírito sustenta seus desejos e propósitos regenerados, porém seus instintos decaídos (a “carne”) obstruem o caminho deles e os arrastam para trás. O conflito entre “carne” e Espírito é intenso. Paulo diz que é incapaz de fazer o que é certo e incapaz de evitar fazer o que é errado (Romanos 7:14 – 25). Esse conflito e frustração acompanharão os cristãos enquanto viverem no corpo. Contudo, vigiando e orando contra a tentação e cultivando virtudes opostas ao pecado, eles podem, através da ajuda do Espírito, “mortificar” maus hábitos específicos (Romanos 8:11 – 13; Colossenses 3:5). Assim, os cristãos experimentarão muitos livramentos e vitórias específicos em sua batalha contra o pecado, ao mesmo tempo em que não são expostos a tentações que não possam resistir (1 Coríntios 10:13) (Bíblia de Estudo de Genebra, “1 Coríntios 6:11 – Santificação – O Espírito e a Carne”, Editora Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo e Barueri, 1999, p. 1352).

pessoas, frequentemente as leva a deter a verdade e sustentar falsos pontos de vista sobre os ensinamentos da Escritura, pois elas sabem que a verdade exigiria que se arrependessem. Essa é razão pela qual a separação do pecado e do mundo, a santificação, agrada tanto a Deus, ao ponto dEle afirmar que com a santidade o veremos (Hebreus 12:14).

Considerações finais.

Recuse-se a sucumbir, a quaisquer exigências da “carne”, visto que a inclinação para a carne é morte; ser santo, é ser radicalmente separado para Deus e do mundo. A santificação é a peculiaridade e virtuosismo da santidade, quanto mais nos separarmos mais santos nos tornaremos e, mais próximos de Deus estaremos (Hebreus 12:14). Em conflito com o mundo, devemos procurar a paz, mas não às custas da santificação sacrificadora, devemos velar uns pelos outros com cuidado zeloso, para que ninguém deixe a fé (Hebreus 12:15). A sociedade é antipática em relação a Cristo e insultuosa a seus seguidores, simplesmente porque os arquétipos (padrões) cristãos estão em oposição ao sistema caótico e hostil do mundo que, **“jaz no maligno tendo o diabo como deus e pai”** (João 8:44; 1 João 5:19; 2 Coríntios 4:4); são empalecidos reflexos celestiais o que cristãos seguem e buscam, pois possuem a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16), em contraposição, a morbíficos e vultuosos dramas reais que os ímpios morrem a cada contemplação e atos consumados que nascem de suas mentes obscurecidas e cauterizadas. Cristãos serão sempre incompreendidos, dado que estão em oposição ao sistema do mundo, pela simples razão das trevas não compreendem a luz e, dos agentes das trevas odiarem a Luz (Jesus Cristo) que guia àqueles que foram salvos (João 3:20; 7:7; 15:18). Por essa razão, cristãos devem ser, absolutamente e agressivamente, conformes à imagem do Cristo ressurreto, o Senhor da vida de cada indivíduo que

compõe o corpo luminoso e glorioso dEle. O reino de Deus é percebido entre os homens quando Deus reina onde os homens, tanto pela negação de si mesmos (mortificação do pecado), quanto pelo desprezo do mundo e da vida terrena (santificação pelo Espírito), se submetem a sua Palavra a fim de desejarem à vida que de Deus emana e dEle é partilhada.

Oremos para que o fogo do Espírito continue acendido em nós, porque sem fogo do Espírito, não há quem ore, a oração torna-se como pássaros sem asas, como homens à deriva ou como corpo sem alma; a oração é caracterizada pela mentalidade celestial; é contra àqueles que são contra Deus. Jesus Cristo não faz uma oração pelo bem-estar temporal de seus discípulos, mas por sua santificação, pela mortificação do pecado mediante a Palavra da verdade, que acontece em nós por obra do Espírito Santo (João 17:17, 19; Romanos 8:13).

A justiça de Jesus Cristo que nos é imputada pela fé somente, e a santificação operada pelo Espírito Santo em nós, são igualmente necessárias; devemos viver sob oração para que sejamos devidamente santificados, não incorrendo em pecados nem caindo em ensinamentos errôneos.

A eleição para a salvação é incondicional (Efésios 1:4, 5), mas a glorificação não o é; a glorificação depende da santificação do homem para esse chegar ao céu assim como o pássaro depende das asas para voar até o céu (Romanos 8:23; João 17:17). Mas podemos descansar em Cristo, pois Deus é fiel para nos guardar até o último dia de nossas vidas, **“aquele que em nós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo”** (Filipenses 1:6), o dia que receberemos a plenitude da redenção (Romanos 8:22, 23).

Louvemos ao Deus da nossa salvação; que no passado, operou a redenção em Cristo salvando-nos da culpabilidade do

pecado (justificação); no presente, pela obra do Espírito Santo estamos sendo salvos continuamente do poder do pecado (santificação); e no futuro, seremos definitivamente salvos da presença do pecado (glorificação).

Nas palavras do puritano, Thomas Goodwin (1600 – 1680), **“o Evangelho não era apenas a obra de Cristo por seu povo. Pelo contrário, o Evangelho era a salvação em sua totalidade, o que, além da justificação, inclui adoção, santificação e glorificação”**.

Estratégias de Satanás para atrair a alma para o pecado [12 estratégias demoníacas e suas soluções]⁵¹. Medite!

1 – Apresentando a isca e escondendo o anzol: – Como soluções, considere que:

[1] – Devemos manter a maior distância possível do pecado e de brincar com a isca (pecado).

[2] – O pecado não passa de um doce amargo.

[3] – O pecado trará as maiores e mais tristes perdas para sua vida.

[4] – O pecado é muito enganador e encantador.

2 – Pintando o pecado com as cores da virtude: – Como soluções, considere que:

[1] – O pecado nunca é menos vil por ser assim pintado (de virtude).

[2] – Quanto mais o pecado é assim pintado, mais perigoso ele se torna.

[3] – Devemos olhar para o pecado com o mesmo olhar com que em pouco tempo o veremos se não vigiarmos – com ódio.

⁵¹ Thomas Brooks, “Precious Remedies Against Satan’s Devices”, p. 2 – 4 – <https://www.preachtheword.com/bookstore/remedies.pdf> – Acessado em julho de 2023.

[4] - O pecado custou a vida e o sangue do Senhor Jesus.

3 - Pelo enfraquecimento do pecado: – Como soluções, considere que:

[1] - O pecado que os homens consideram pequeno traz a grande ira de Deus sobre os homens.

[2] - O consentimento de um pequeno pecado dá lugar ao cometimento de um pecado maior.

[3] - É triste estar contra Deus por causa de uma tolice, honre-o e ame-o até o fim da sua vida.

[4] - Muitas vezes o maior perigo está nos pecados pequenos, lembre-se do fruto de Eva, da uva de Noé etc.

[5] - Os santos preferiram sofrer muito a cometer o menor pecado.

[6] - A alma nunca pode suportar a culpa e o peso do pecado quando Deus o coloca sobre a alma.

[7] - Há mais mal no menor dos pecados do que na maior das aflições.

4 - Mostrando à alma os pecados dos melhores homens e escondendo da alma as suas virtudes, os seus castigos e o seu arrependimento: – Como soluções, considere que:

[1] - O Espírito de Deus registra não só os pecados dos santos, mas também o seu arrependimento.

[2] - Estes santos não fizeram negócio com o pecado, mas com Deus.

[3] - Embora Deus não rejeite o seu povo pecador, Ele o castiga severamente.

[4] - Deus tem em vista alcançar objetivos, para nós misteriosos, ao registrar as quedas dos seus santos.

5 – Apresentando Deus à alma como aquele que é totalmente cheio de misericórdia: – Como soluções, considere que:

[1] – É o mais doloroso dos julgamentos ser deixado à mercê do pecado sob qualquer pretexto.

[2] – Deus é tão justo quanto misericordioso.

[3] – Os pecados contra a misericórdia trarão os maiores e mais dolorosos juízos sobre os homens.

[4] – Embora a misericórdia geral de Deus esteja sobre todas as suas obras, a sua misericórdia especial está confinada àqueles que são divinamente escolhidos.

[5] – Os santos hoje glorificados consideravam a misericórdia de Deus como um argumento muito poderoso contra, e não a favor, do pecado.

6 – Persuadindo a alma de que o arrependimento é fácil e que, portanto, a alma não precisa ter escrúpulos em pecar: – Como soluções, considere que:

[1] – O arrependimento é uma obra difícil, acima do nosso próprio poder.

[2] – O arrependimento muda e converte o homem inteiro do pecado para Deus.

[3] – O arrependimento é um ato contínuo.

[4] – Se o arrependimento fosse fácil, a falta dele não aterrorizaria milhões de pessoas conduzindo-as ao inferno.

[5] – Arrepende-se do pecado é uma marca da graça tão grande como não pecar.

[6] – Satanás sugere que o arrependimento é fácil, mas em breve levará os seus enganados ao desespero, apresentando-o como o trabalho mais difícil do mundo.

7 – Tornando a alma ousada para se aventurar nas ocasiões de pecado: – Para soluções, considere que:

[1] – Algumas Escrituras ordenam-nos expressamente que evitemos as ocasiões de pecado e a menor aparência do mal.

[2] – Não há conquista sobre o pecado a menos que a alma se afaste das ocasiões de pecado.

[3] – Os santos, hoje, glorificados, afastaram-se das ocasiões de pecado como do próprio inferno.

[4] – Evitar as ocasiões de pecado é uma evidência da graça.

8 – Representando para a alma as misericórdias exteriores desfrutadas pelos homens que andam no pecado, e sua liberdade das misérias exteriores: – Para soluções, considere que:

[1] – Não podemos julgar como está o coração de Deus para com um homem pelos atos de sua providência.

[2] – Nada provoca tanto a ira de Deus como o abuso da sua bondade e misericórdia por parte dos homens.

[3] – Não há maior maldição ou aflição nesta vida do que estar na miséria ou na aflição.

[4] – As necessidades dos homens maus são muito maiores do que as suas bênçãos exteriores.

[5] – As coisas exteriores não são como parecem, nem como são consideradas.

[6] – Deus tem fins e desígnios em dar aos homens maus bênçãos exteriores e descanso presente dos sofrimentos e penas que fazem os santos suspirarem.

[7] – Deus muitas vezes atormenta e castiga aqueles que os outros pensam que Ele mais poupa e ama.

[8] – Deus chamará os homens maus a uma rigorosa prestação de contas de todo o bem exterior de que desfrutaram.

9 – Apresentando à alma as cruzes, as perdas, as penas e os sofrimentos que diariamente acompanham os que andam nos caminhos da santidade: – Para soluções, considere que:

[1] – Todas as aflições sofridas pelos cristãos revertem em seu proveito.

[2] – Todas essas aflições só atingem a sua pior parte, e não a melhor.

[3] – Todas essas aflições são breves e momentâneas.

[4] – Todas essas aflições procedem do amor mais profundo de Deus.

[5] – É nosso dever e glória avaliar as aflições não pela forma como são sentidas, mas pelo seu fim.

[6] – O desígnio de Deus nas aflições dos santos é provar, e não arruinar, as suas almas.

[7] – As aflições, a ira e a miséria consequentes da impiedade são muito piores do que aquelas ligadas à santidade.

10 – Ao fazer com que os santos comparem a si mesmos e seus caminhos com aqueles reputados como piores do que eles: – Para soluções, considere que:

[1] – Ser visionário no estrangeiro e cego em casa prova que o homem é hipócrita.

[2] – É muito melhor comparar as nossas ações internas e externas com a Palavra do que compararmo-nos com outros piores do que nós.

[3] – Embora os nossos pecados não pareçam tão grandes como os dos outros, sem arrependimento que responda à misericórdia, seremos tão condenados como os outros.

11 – Poluindo as almas e os juízos dos homens com erros perigosos que conduzem à libertinagem e à maldade: – Para soluções, considere que:

- [1] – Uma mente vã e equivocada é tão odiosa para Deus quanto uma vida perversa.
- [2] – É necessário receber a verdade com amor e abundância.
- [3] – O erro faz com que o seu responsável sofra perdas.
- [4] – É necessário odiar e rejeitar todas as doutrinas que são contrárias à piedade, que conduzem à justiça própria e que tornam as boas obras cooperadoras de Cristo.
- [5] – É necessário reter a verdade.
- [6] – É necessário manter a humildade.
- [7] – Os erros têm produzido grandes males.

12 – Levando os homens a escolher más companhias: – Para soluções, considere que:

- [1] – Há ordens expressas de Deus para evitar tais companhias.
- [2] – A má companhia é contagiosa e perigosa.
- [3] – É necessário olhar para os ímpios nos termos em que as Escrituras os descrevem.
- [4] – A companhia de homens maus já foi uma tristeza e um fardo também para os santos hoje glorificados.

Questionário para pesquisa ou discussão (mesa-redonda).

- 1 – Como Satanás leva os homens de pecados menores para maiores?
- 2 – Por que Satanás impele persistentemente os homens a um pecado específico?
- 3 – Satanás faz uma retirada estratégica por determinado tempo para nos afastar de nossa posição de força e segurança (Josué 8:15), por que?
- 4 – Satanás veste o mal com aparências falsas (Isaiás 5:20)?

- 5 – Satanás pode seduzir os homens com coisas legítimas?
- 6 – Como Satanás e os demônios surpreendem ou chocam as pessoas com tentações, como se essas fossem inéditas?
- 7 – Satanás nos incentiva a enfrentá-lo com amuletos e objetos sagrados, por que ele faz isso?
- 8 – Satanás ataca a consciência e a segurança dos crentes com argumentos falsos, prove!
- 9 – Como Satanás seduz as pessoas com a promessa de que podem se arrepender facilmente depois de pecarem?
- 10 – Satanás procura fazer com que nosso chamado como cristãos entre em choque com nosso chamado a uma atividade profissional em particular. Como ele faz isso?
- 11 – Por que Satanás leva os homens de um extremo ao outro, de um pecado pequeno para um pecado maior, qual o seu objeto ao fazer isso?

Apêndice.

Pai nosso.

“Portanto, vós orareis assim: – Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; O pão nosso de cada dia nos dá hoje; E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; E não nos conduzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém” (Mateus 6:9 – 13).

A oração do Senhor, ou Pai Nosso, **“é a expressão da misericórdia divina em nos prover o modo correto do viver cristão”**.

Devemos responder a Deus, primeiramente, **“em oração (pela incapacidade espiritual que se encontra intrinsecamente no**

interior de toda criatura), seguida de obediência voluntária (pois, temos responsabilidades espirituais e morais diante de Deus e dos homens) e gratidão (visto que, tudo é 'nosso' pelo título de doação; é nosso porque Deus nos dá (Filipenses 2:12, 13))”.

[1] – A vida de oração deve ser constante. [2] – A vida de obediência voluntária deve ser contínua. [3] – A vida de gratidão deve ser frugal (simples).

Introdução – “Pai nosso, que estás nos céus”.

1 – Por “Pai Nosso”, devemos definir como sendo o significado mais profundo, no momento em que invocamos a Deus, envolve o poder concedido a nós pecadores de sermos feitos filhos de Deus.

Como escreveu o Apóstolo João: – “a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem em seu Nome” (João 1:12).

2 – Por isso, Deus não só se denomina nosso Pai, mas também quer por nós ser assim chamado, com essa doçura tão imensa de um nome que elimina de nós toda incerteza, uma vez que nenhum afeto maior de amor se pode achar em outra parte que não seja no Pai.

Visto que “Ele nos amou com um amor que é eterno, e sendo Ele imutável (isto é, que não há mudança em seu ser), Ele nos amará para sempre”.

3 – O Deus que está nos céus é o Deus que se encontra santificado em nossos corações pelo seu Santo Espírito.

Primeira petição – “Santificado seja teu Nome”.

1 – A primeira petição é que o Nome de Deus seja santificado, totalmente separado de mazelas, de nossas misérias, ações e

reações desobedientes, teimosias e egoísmos, pensamentos maldosos etc.

2 – Essa necessidade deveria nos trazer grande vergonha. Porque não temos condições de santificar esse Nome tão santo, e pior, ainda fomentamos a nossa miséria. Temos verdadeiramente santificado o nosso coração? Como purificaremos o nosso caminho?

Como é-nos revelado no Salmos 119:9 – 11 – “Como purificará o jovem (servo) o seu caminho? Observando-o conforme a tua Palavra. De todo o meu coração te busquei; não me deixes desviar dos teus mandamentos. Escondi a tua Palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”.

3 – A síntese desta petição consiste em que desejemos que seja dada a Deus sua honra, da qual Ele é digno, de sorte que os homens nunca falem ou pensem dEle senão com reverência.

“A natureza do testemunho é de sermos fiéis ao que professamos; quando professamos fé em Cristo, devemos ser fiéis a tudo aquilo que diz respeito a fé que emana da Escritura; a todo ensinamento bíblico. É a fé que nasce no ventre das Escrituras, fé aqui, no sentido de “instrução” ou “do conjunto de regras espirituais e morais”. A santificação é a peculiaridade e virtuosismo da santidade; é o qualitativo da santidade e o avaliatório do modo de viver santamente; quanto mais nos separarmos mais santos nos tornaremos e, mais próximos de Deus estaremos (Hebreus 12:14).

4 – E daqui a necessidade dessa petição, a qual seria desnecessária se entre nós não prevalecesse ao menos modesta piedade.

“Essa petição aponta para a nossa incapacidade de escolhermos sempre um bem espiritual, a não ser, que Deus nos ajude”.

5 – Essa petição também tem por objetivo que pereça e seja destruída toda impiedade que mancha o Nome santo de Deus. Tudo o que mancha essa santificação ou que diminui a santidade desse Nome. Seja as nossas injúrias, seja as nossas

zombarias, isto é, os nossos pecados; pedimos a destruição de toda impiedade que habita em nosso coração. E, enquanto Deus destrói todas as ofensas e pecados em nós, desejamos que mais e mais se resplandeça a sua majestade e glória em nós.

Segunda petição – “Venha o teu reino”.

1 – A segunda petição consiste em que o reino de Deus venha, venha sobre nós. Mas num sentido realce. No sentido de Deus agraciar um padrão celestial de obediência semelhante a obediência dos santos anjos no céu.

[1] – O reino de Deus deve ser tomado por agressividade santa (por santa violência) – **“E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele”** (Mateus 11:12). Olhemos para o exemplo do próprio João decapitado.

[2] – O reino de Deus deve estar em nosso interior – **“porque de fato o reino de Deus é para estar dentro de vós”** (Lucas 17:21).

“A vida interior deve ser organizada; como escreveu Tomás de Kempis: – ‘Se converta a Deus de todo o coração, deixa esse mundo miserável, e a sua alma achará descanso. Aprenda a desprezar as coisas exteriores e se entregar às interiores, e sobre você chegará o reino de Deus. Pois o reino de Deus é a paz e a alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17), que não se dá aos ímpios. Se você for reto e puro, tudo correrá bem e tudo se voltará para o seu proveito. Mas, porque ainda não estamos totalmente mortos para nós mesmos, nem apartados das coisas terrenas, por isso muitas coisas nos causam angústias e perturbações”.

2 – Essa petição é semelhante a primeira. Depois que pedimos a Deus que nos coloque em sujeição a Ele, e por fim destrua completamente todas as nossas misérias que mancham o seu santo nome. Então acrescentamos essa outra petição: – “que seu reino venha”.

3 – O reino de Deus é percebido entre os homens quando Deus reina onde os homens, tanto pela negação de si mesmos, quanto pelo desprezo do mundo e da vida terrena, se submetem a sua Palavra a fim de desejarem à vida espiritual.

Como escreveu Tomás de Kempis: – “Não há melhor e mais útil aprendizado que conhecer-se perfeitamente e desprezar-se a si mesmo”.

4 – Daí esse reino consiste de duas partes: – Primeira, que Deus, mediante o poder de seu Espírito, corrija todos os desejos depravados da nossa carne, os quais lutam contra Ele em batalhões. Segundo, que conforme todos os nossos sentimentos à obediência de sua vontade.

5 – Devemos nos lavar de todas as mazelas que perturbam a tranquila condição do reino de Deus e infectam sua pureza. Como devemos fazer? Com genuína sinceridade!

“A sinceridade do cristão diante de sua condição de pecador é a inocência que ele possui. A sinceridade é a inocência cristã, e os que são justos são considerados inocentes de grande transgressão. Eles são os justos, que andam no caminho da justiça e do equilíbrio. Eles têm as mãos limpas, e as conservam limpas das graves corrupções do pecado, e, quando as mancham com fraquezas ou indecisões, as lavam na inocência (Salmos 26:6). Como é-nos revelado pelo rei Davi: – ‘Então serei sincero, e ficarei limpo de grande transgressão’ (Salmos 19:13)”.

6 – Oremos para que as nossas mentes e corações se sujeitem à voluntária obediência a Deus em sinceridade.

7 – Contudo, a plenitude do reino de Deus, se espera até à vinda final de Cristo, quando, segundo o ensino de Paulo, **“Deus será tudo em todas as coisas”** (1 Coríntios 15:28).

Tudo será restaurado, inclusive nós, que gememos como famintos, diante de comida e bebida espirituais, que verdadeiramente alimentam!

8 – Em resumo, que enquanto nos submetemos à sua Palavra, nos tornamos participantes de sua glória. Isto se realiza

quando a sua luz e a sua verdade brilham nos levando à “novas” graduações espirituais; quando trevas e enganos de Satanás e seu reino fogem, se limitam e acabam.

Terceira petição – “Seja feita tua vontade, assim na terra como no céu”.

1 – Essa petição denota a vontade de Deus, isto é, aquela que corresponde a obediência voluntária e, por isso, o céu é expressamente comparado à terra; no sentido análogo, porque os anjos, como diz o salmista, **“obedecem espontaneamente a Deus e se dispõem a cumprir as suas ordens”** (Salmos 103:20).

Sem acréscimo e sem subtração à sua Palavra.

2 – Portanto, nos ordena que lutemos que, assim como no céu, nada seja feito sem ser pela vontade de Deus, pelo arbítrio divino. Os anjos estão prontos para toda obediência (retidão); assim também, seja destruída toda a teimosia e impiedade em nós, e que a terra esteja sujeita ao governo desta ordem de Deus, para estarmos nós igualmente prontos perante Deus.

3 – Certamente, ao pedirmos isso renunciaremos aos interesses e desejos de nossa carne.

4 – Com essa petição, somos movidos à negação de nós mesmos, para que Deus nos guie conforme a sua vontade. Aqui, entendemos o sentido de **“não apagarmos o Espírito”** (1 Tessalonicenses 5:19 – 22).

“Deus não despede ninguém vazio, a não ser, aqueles que se aproximam dEle cheios de si mesmos” (Moody).

5 – Também pedimos que, quando a nossa mente e coração são reduzidos a nada, Deus crie em nós, mente “nova” e

coração “novo”, para que não sintamos em nós qualquer sedução de desejo pecaminoso, senão a pura aprovação à sua vontade que é **“boa, agradável e perfeita”** (Romanos 12:2).

6 – Em resumo, que nós mesmos não queiramos algo propriamente nosso. Ao contrário, que seu Espírito governe os nossos corações nos ensinando interiormente o que é reto, de onde advém a vida; que aprendamos a amar as coisas que são agradáveis a Deus e a odiar as que lhe são desagradáveis.

Quarta petição – “Nosso pão de cada dia dá-nos hoje”.

1 – Pedimos a Deus todas as coisas em geral de que o nosso corpo necessita neste mundo (Gálatas 4:3), não somente que sejamos alimentados e sejamos vestidos, mas também tudo quanto Deus prevê, por exemplo, virtudes, que nos conduza a comer o nosso pão em paz; milagres e curas; restabelecimento da justiça; antecipação de julgamentos e vingança sobre homens maus etc.

2 – Devemos definir e sustentar que “nosso” se faz por título de doação: – **“é nosso porque Deus nos dá!”**. Porque nem nossa diligência, nem nosso trabalho, nem nossas mãos, como diz Moisés (Levítico 26:20; Deuteronômio 8:17, 18), por si nos dão alguma coisa, a menos que a bênção de Deus esteja presente sobre nós.

3 – Outro ponto importante acerca do “nosso”: – **“que devemos definir ‘nosso’ aquilo que conseguimos honestamente e com inofensivo trabalho”**. Não com falsidades e/ou furtos, ou seja, quando adquirimos com algum dano alheio. Quando pedimos, nos seja dado, significa que esse pão é uma simples e graciosa dádiva de Deus, que recebemos meramente por sua bênção através de nossos trabalhos quando os mesmos alcançam sucesso.

4 – Em resumo, por essa petição, nos entregamos totalmente ao seu cuidado, confiando sem medo em sua providência, para que Deus nos dê alimento, nos sustente e nos preserve.

Quinta e sexta petições – “E perdoa nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores e não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do mal”.

1 – Nessas petições Jesus Cristo ajuntou resumidamente tudo quanto se refere à vida espiritual, nessas duas petições, se firma o pacto espiritual que Deus estabeleceu para salvação da Igreja.

“O fruto do Espírito é um e indivisível; quando o Espírito domina e influi completamente a vida de um cristão, Ele produz todas essas graças. Pode ser colocado como sendo, as três primeiras (o amor, a alegria e a paz) dizem respeito à nossa atitude em relação a Deus, a segunda tríade (a paciência, a delicadeza e a bondade) atende os relacionamentos sociáveis, e o terceiro grupo (a fé, a humildade e o domínio próprio), descreve os princípios e convicções fundamentais que guiam a conduta de um regenerado”. Cristo começa da remissão dos pecados e logo em seguida, juntará a segunda graça que é a proteção de todo mal: – “que Deus nos proteja pelo poder de seu Espírito e nos sustente com seu auxílio, para que nos coloquemos invencíveis contra todas as tentações”.

2 – Como perdoamos a todos aqueles que nos fizeram algum mal, por palavra ou por ato. Não que seja prerrogativa nossa diminuir a culpa de pecado e ofensa, a qual pertence somente a Deus (Isaías 43:25). Mas com esse objetivo: – “Jogar para fora de modo decidido do coração, a ira, o ódio, o desejo de vingança, e também de modo decidido nutrir o esquecimento e esmagar a lembrança das injustiças recebidas”. Por essa razão, não se pode pedir de Deus a remissão dos pecados, a menos que nós mesmos perdoemos também as ofensas de todos que foram injustos conosco. Se Deus nos perdoa tantos pecados, por qual razão não conseguimos perdoar quem nos ofende?

3 – Se não fizermos assim, se guardamos no coração algum ódio, ou se meditamos e, eventualmente, cogitamos alguma vingança contra alguém; devemos entender essa petição, e voltarmos ao favor do inimigo; se não for assim, quando orarmos essa petição a Deus, não receberemos o que necessitamos, o perdão dos pecados, pois estaremos pedindo a Deus, que Ele nos faça o que fazemos aos outros.

De acordo com Mateus 7:12: – “Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês; pois isso é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas”.

4 – Realmente pedimos que Deus não faça por nós, a não ser que nós mesmos façamos pelo próximo.

5 – A sexta petição corresponde à promessa de que a Lei de Deus seria gravada em nosso coração (Provérbios 3:3); mas, visto que não obedecemos a Deus sem contínua luta, duros e árduos conflitos, aqui, pedimos que sejamos equipados com a armadura de Deus (Efésios 6:10 - 18) e defendidos por proteção de tal natureza que estejamos aptos à vitória. Pelo que somos avisados que se faz necessário que a graça do Espírito abrande nosso interior, nos dirigindo à obediência. E, que também seu auxílio nos torne invencíveis contra todas as ciladas e investidas violentas de Satanás.

Exortação à vaidade do homem.

Não são palavras sublimes ou vidas calmas que fazem os cristãos justos, mas é a vida virtuosa que torna os cristãos agradáveis a Deus. Para se ter uma vida virtuosa, se faz necessário estas três coisas: – **“A vida de oração contínua, a vida de obediência voluntária, por meio unicamente da Escritura, e a vida de adoração em gratidão aos favores graciosos de Deus”.**

“Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade, senão amar a Deus e só a Ele servir” (Eclesiastes 1:2). A suprema sabedoria é esta: — **“pelo desprezo do mundo inclinar-se ao reino dos céus”**.

Vaidade é buscar riquezas perecíveis (que acabam) e confiar nelas.

Vaidade é ambicionar honras e desejar posição elevada diante dos homens, e não uma vida humilhada e dependente perante Deus.

Vaidade é seguir os interesses da carne e desejar aquilo (o pecado!) pelo que depois será gravemente castigado.

Vaidade é desejar viver muito, contudo, se descuidar de que essa vida seja boa; e ela só pode ser boa com Deus e para Deus.

Vaidade é só se preocupar com a vida presente sem se preocupar com a vida futura.

Vaidade é amar o que passa tão rapidamente e não buscar a felicidade que sempre dura; as coisas salutareis e divinas.

Devemos nos lembrar do sábio conselho: — **“Todas as coisas levam a gente ao cansaço; um cansaço tão grande, que nem dá para contar. Os nossos olhos não se cansam de ver, nem os nossos ouvidos, de ouvir”** (Eclesiastes 1:8). Portanto, devemos procurar desapegar o nosso coração do amor às coisas visíveis e ligá-lo às coisas invisíveis (espirituais). Pois, aqueles que satisfazem seus interesses carnis mancham a consciência e perdem a graça de Deus.

Lembremos que **“o Filho Amado de Deus se fez maldito (Gálatas 3:13), para que os malditos fossem feitos filhos**

amados de Deus (2 Coríntios 5:12 – 21); o Filho Amado foi desamparado para que os aflitos homens fossem amparados”. Ele é digno de toda obediência voluntária e adoração para sempre.

Paz e graça.

Pr. Dr. Plínio Sousa⁵².

⁵² Autor: – notas, traduções e significações. Fundador, Reitor e Docente do Instituto Reformado Santo Evangelho, Diretor Geral da Editora Reformada Santo Evangelho e Diretor de Jornalismo do Jornal Vereda, onde também exerce o ofício de Jornalista (DRT – 0013576/DF). É membro da 3ª Igreja Presbiteriana de Taguatinga/DF, trabalhando no Ministério da Educação Cristã, na Superintendência, como professor de Escola Bíblica Dominical e como auxiliar no trabalho de Revitalização da Igreja Presbiteriana da QR 429 (Congregação). Atua também como Secretário do Conselho Deliberativo do Colégio Presbiteriano Simonton, sito em Taguatinga/DF, na condição de Associado Eleito. É Presidente da Federação de Homens Presbiterianos do Presbitério do Distrito Federal (FHP-PRDF) e da Confederação Sinodal de Homens Presbiterianos do Sínodo do Planalto (CSHP-SPO). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica de Ciências Humanas e Sociais Logos (FAETEL), diploma registrado pela Universidade de São Paulo (USP), Bacharel e Mestre em Teologia pela Faculdade e Seminário Teológico Nacional, Master of Theology pela Vox Dei American University (EUA). Pós-graduado em Teologia pela Faculdade Dominius (FAD) e Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista (FALP). Licenciando em Pedagogia e Pós-graduando em Gestão de Organizações Educacionais pela Faculdade IMES, Pós-graduando em Filosofia pela Faculdade Prisma e Pós-graduando em Teologia Sistemática pelo Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). Doutorando em Teologia pelo Programa do Seminário Teológico Evangélico Bíblico (SETEB) e participante do Doctoral Program of Theology do Northwestern Reformed Theological Seminary (NRTS). Áreas que leciona: – Teologia, Filosofia e Educação.